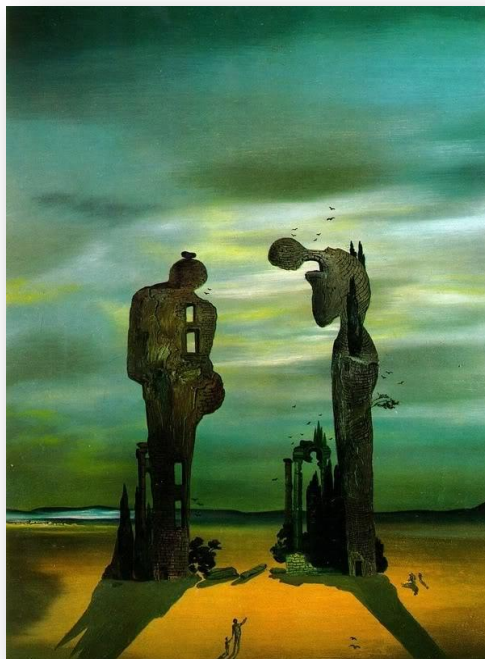


INSTITUTO SUPERIOR MIGUEL TORGA

ESCOLA SUPERIOR DE ALTOS ESTUDOS



Conjugalidade e Parentalidade

**Estudo sobre a influência das preocupações parentais
na satisfação conjugal em pais de crianças
com 1 a 5 anos de idade em educação pré-escolar**

Ana Luísa Cordeiro Vicente

**Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica,
Ramo de Especialidade em Família e Intervenção Sistémica**

Coimbra, 2010

INSTITUTO SUPERIOR MIGUEL TORGA

ESCOLA SUPERIOR DE ALTOS ESTUDOS

Conjugalidade e Parentalidade

**Estudo sobre a influência das preocupações parentais
na satisfação conjugal em pais de crianças
com 1 a 5 anos de idade em educação pré-escolar**

Ana Luísa Cordeiro Vicente

**Dissertação Apresentada ao Instituto Superior Miguel Torga para Obtenção do
Grau de Mestre em Psicologia Clínica, Ramo de Especialidade em Família e
Intervenção Sistémica**

Orientadora: Professora Doutora Sónia Guadalupe

Coimbra, 2010

A vida é feita de nadas:
De grandes serras paradas
À espera de movimento
De searas onduladas
Pelo vento;

De casas de moradia
Caídas e com sinais
De ninhos que outrora havia
Nos beirais;

De poeira
De sombra de uma figueira
De ver esta maravilha:
Meu Pai a erguer uma videira
Como uma mãe que faz a trança à filha.

Miguel Torga “Bucólica”

Nota: A figura que se encontra na capa é uma reprodução da pintura de Salvador Dali
“*Archeological Reminiscence of Millet's Angelus*” (c. 1934)

AGRADECIMENTOS

A vida é composta por tantos caminhos e por tantas pessoas que passam por nós... No entanto, há aqueles que não passam, permanecem nas nossas vidas e nos marcam definitivamente para sempre!

Quero assim, expressar o meu agradecimento mais profundo a todos aqueles que permaneceram, de alguma forma, ao longo da minha vida e principalmente durante este ano, dividindo momentos, sentimentos e emoções.

Agradeço, de uma forma especial, à Professora Doutora Sónia Guadalupe, minha orientadora, cuja paciência, resistência e carinho com que recebeu os meus silêncios e pausas na realização deste trabalho me permitiram chegar à sua conclusão.

Desejo agradecer a todos os participantes do estudo que no seio das suas vidas atribuladas, tiveram disponibilidade para colaborar nesta investigação.

A todos os meus amigos, em especial à Cátia, à Alexandra e ao Luís pela força transmitida, pelo apoio, amizade e companhia ao longo deste caminho.

Aos meus pais, pelo apoio, força, pela paciência e fundamentalmente pelo amor incondicional, mesmo na falta de momentos partilhados, e por serem o meu suporte na concretização dos meus objectivos de vida.

À minha irmã, que sempre esteve presente nos momentos mais difíceis da minha vida e por ser a pessoa que é... linda!

Ao Hugo, que ao longo destes anos sempre acreditou em mim, mais do que eu própria, ao seu infinito amor.

Muito Obrigada por tudo o que são para mim!

RESUMO

Segundo a abordagem sistémica, a transição para a parentalidade demarca uma das mais intensas mudanças do ciclo de vida de uma família. A melhor forma de compreender a família, é tentar entendê-la como um sistema, um todo, uma globalidade, como uma rede complexa de relações e emoções que não são susceptíveis de serem pensadas isoladamente (Oliveira, 2002). Porém, é relevante a forma como cada indivíduo, passa pela transição para a parentalidade.

Considerou-se pertinente realizar um estudo que englobe a influência que as preocupações parentais apresentam na relação conjugal, tendo como objectivo clarificar a interacção entre as variáveis já referidas e, ainda, a influência que o sexo dos indivíduos, o tempo de casamento e a idade dos filhos exerce nessa interacção. Para tal, recorreu-se a uma amostra de 42 indivíduos, casados e com um único filho, que responderam à Escala de Avaliação da Satisfação em Áreas da Vida Conjugal (EASAVC) (Narciso & Costa, 1996), para avaliação da satisfação conjugal, e à Escala de Preocupações Parentais (EPP) (Algarvio, Leal, & Maroco, *in press*).

Os resultados demonstram que a satisfação conjugal e as preocupações parentais se encontram relacionadas entre si, não apresentando uma forte correlação. Contudo, constata-se que a satisfação conjugal aumenta diante de uma preocupação parental, do mesmo modo, se a preocupação parental for fraca, a satisfação conjugal tem valores médios mais baixos. Os resultados apontam para que o género e os anos de casamento não influenciem os níveis de satisfação conjugal, bem como a idade dos filhos não influencia estas preocupações, tendo-se ainda verificado que não existem diferenças entre sexos ao nível das preocupações parentais.

Palavras-chave: conjugalidade; satisfação conjugal; parentalidade; preocupações parentais.

ABSTRACT

According to the systemic approach, the transition to parenthood marks one of the most intense changes in the lifecycle of a family. The best way to understand the family is trying to understand it as a system, a whole, as a complex web of relationships and emotions that are not likely to be considered separately (Oliveira, 2002). However, it is relevant to how each individual goes through the transition to parenthood.

It was considered pertinent to conduct a study involving the influence of parental concerns present in the marital relation, aiming to clarify the interaction between the variables mentioned above and also the influence that the sex of individuals, the time of marriage and age of children exercise this interaction. To this end, we used a sample of 42 individuals, married with one child, who responded to questionnaires, Scale for Assessment of Areas of Life Satisfaction in Marriage (EASAVC) (Narciso & Costa, 1996), to evaluate satisfaction Marital and Parental Concerns Scale (EPP) (Algarve, Leal, & Maroco, *in press*).

The results show that marital satisfaction and parental concerns are related to each other, showing no strong correlation. However, it appears that marital satisfaction increases before a parental concern; likewise, if the parental concern is low, the average marital satisfaction is lower. The results indicate that gender and years of marriage does not influence the levels of marital satisfaction, as well as the age of children does not influence these concerns, having also found that there are no gender differences at the level of parental concerns.

Key-words: marital, marital satisfaction, parenting, parental concerns.

ÍNDICE GERAL

Introdução.....	11
A Conjugalidade	21
A Parentalidade	26
 Materiais e Métodos	 34
 Resultados	 41
 Discussão de Resultados	 52
 Conclusão	 61
 Bibliografia	 64
 Anexos	
Lista de Anexos	70

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura n.º1 Representação gráfica do mapa conceptual

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro n.º1	Principais características das Fases do Ciclo Vital da Família
Quadro n.º2	Características sociodemográficas dos participantes no estudo
Quadro n.º3	Número de anos de casamento dos participantes no estudo
Quadro n.º4	Idade e sexo dos filhos
Quadro n.º5	Avaliação da fidedignidade da EASAVC
Quadro n.º6	Avaliação da fidedignidade da EPP
Quadro n.º7	Resultado do <i>Test t</i> para a EASAVC segundo o sexo
Quadro n.º8	Matriz de Correlação entre as dimensões da EASAVC
Quadro n.º9	Resultado do <i>Test t</i> para a EPP segundo o sexo
Quadro n.º10	Matriz de Correlação entre as dimensões da EPP

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico n.º1	Número de creches e jardins-de-infância em Portugal entre 1990 e 2008
Gráfico n.º2	Caixa de bigodes para o <i>Total_EASAVC</i> segundo o <i>Sexo</i>
Gráfico n.º3	Médias das respostas às dimensões da EASAVC
Gráfico n.º4	Diagrama de dispersão entre a variável <i>Número de Anos de Casamento</i> e o <i>Total_EASAVC</i>
Gráfico n.º5	Caixa de bigodes para o <i>Total_EPP</i> segundo o <i>Sexo</i>
Gráfico n.º6	Médias das respostas às dimensões da EPP
Gráfico n.º7	Diagrama de dispersão entre a variável <i>Idade do filho</i> e o <i>Total_EPP</i>
Gráfico n.º8	Diagrama de dispersão entre a variável <i>Total_EASAVC</i> e <i>Total_EPP</i>

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

Siglas

EASAVC	Escala de Avaliação da Satisfação em Áreas da Vida Conjugal
EPP	Escala de Preocupações Parentais
SPSS	Programa estatístico - <i>Statistical Package for the Social Sciences</i>
p. ou pág.	Página
pp.	Páginas
et al.	<i>et alli</i> (e outros)
cit. in	Citado por
apud	Citação indirecta
idem	Autor citado anteriormente
ibidem	Autor citado anteriormente, na mesma página

Abreviaturas Técnicas: Símbolos Estatísticos Utilizados

n	Dimensão da amostra
%	Percentagem
\bar{x}	Média de uma amostra
DP	Desvio Padrão de uma amostra
p	Nível de significância
α	Coeficiente Alfa de Cronbach
t	t de Student
r	Coeficiente de correlação de Pearson
Sk	Assimetria (<i>Skewness</i>)
Ku	Kurtosis
F	Análise da variância (Teste de Levene)
df	Graus de liberdade

Nota: Algumas designações não são traduzidas ao longo do texto ou nos quadros

INTRODUÇÃO

*“A família não nasce do nada, para se formar, transforma em património comum
o que é pertença de dois... com base na negociação e renegociação.”*

(Relvas, 1996, p. 33)

Na concepção sistémica a **formação do casal** coincide com o nascimento de uma **nova família**, implicando a construção de um novo sistema, com regras, normas e padrões transaccionais próprios e específicos. Mas mesmo antes da formação do casal, o tempo de **namoro**¹, é um dos aspectos primordiais no conhecimento do outro. Sabemos que na atracção, paixão e escolha de um parceiro entram em acção razões sociais e razões inconscientes. Contudo, este tempo pode ser uma ilusão, na medida em que se constroem muitos planos e sonhos. Durante esta fase, o esquecimento de divergências, ou mesmo o facto de se ter a ilusão de que depois do casamento o outro vai mudar é uma constante. Alarcão (2006, p. 117) defende que o mais importante no tempo de namoro é que estes mecanismos não sejam exageradamente utilizados, sobretudo a negação, o evitamento e a triangulação. Segundo Minuchin (1979, cit. in Relvas, 1996), a formação do casal tem dois aspectos primordiais: o processo relacional emerge de uma nova unidade familiar e essa estrutura em estado de organização tem, dentro do sistema familiar, uma autonomia e identidade próprias. Neste contexto, a definição de Gameiro (1992, p. 187) adquire todo o seu significado: “A família é uma rede complexa de relações e emoções que não são passíveis de ser pensadas com os instrumentos criados para o estudo dos indivíduos isolados (...) A simples descrição de uma família não serve para transmitir a riqueza e a complexidade relacional desta estrutura.”

A formação do casal é um período que corresponde à criação de uma nova família nuclear, uma vez que, o casal vai diferenciar-se, desenvolvendo uma autonomia e identidade próprias, sem que, contudo, se perca a continuidade relativamente às gerações anteriores. É também devido a esta continuidade que uma das tarefas mais importantes do casal, nesta fase, é a negociação entre os costumes, valores, regras, que cada um construiu individualmente (McGoldrick, 1989, cit. in Relvas, 2000). A família constitui assim, um sistema complexo e é vista como uma unidade, que se organiza num contexto de socialização e de desenvolvimento e que evolui ao longo do tempo em função das mudanças nos seus membros. A estrutura familiar precisa de se adaptar a mudanças. Por exemplo, quando a família adiciona um novo membro, este precisa de se adaptar às regras do sistema, ao mesmo tempo que o sistema anterior terá que se modificar para incluí-lo (Erera, 2002).

¹ Ao longo da história, o namoro foi-se transformando de um modo de comportamento instrumental para um expressivo, incorporando duas características. Uma foi a decisão dos próprios jovens de substituir um sistema de valores que dava ênfase à fidelidade; e a outra foi o desejo de serem livres, de desenvolverem a própria personalidade e de realizar as ambições pessoais que cerrou as cortinas entre o namoro privado e o comportamento público (Shorter, 1995, p. 133).

O casal emerge quando duas pessoas se comprometem numa relação que pretendem que se prolongue no tempo. Para Caillé (1991, cit. in Relvas, 1996, p. 52) o casal corresponde a “um e um são três”, ou seja, os dois parceiros e o modelo específico que criam na interação entre si. Poderemos perceber melhor com os seguintes exemplos: o papel da sociedade na escolha do par e na evolução da sua relação; as famílias de origem unidas pelo par ou quando nos reportamos à sua interferência; nos passados individuais de cada elemento do casal, levando à reestruturação das relações com os antigos amigos ou à reformulação de valores; e quando o casal encara a parentalidade, pensando em tornar-se um par parental. Como podemos verificar o terceiro elemento é primordial, mostrando que a formação do casal é um processo de mudança contínua, de construção do modelo próprio que envolve permanentemente o equilíbrio relacional do casal e com terceiros excluídos e incluídos.

No mesmo sentido, Virginia Satir (1991, cit. in Relvas, 1996, p. 54), considera que “todo o casal tem três partes: *tu*, *eu* e *nós*; duas pessoas, três partes, cada uma delas significativa, cada uma delas com vida própria.”. A relação de cada uma das partes tem um espaço próprio, resultando um sentimento de auto-estima individual e de pertença, onde as decisões passam a ser tomadas pelo casal e não pelo indivíduo independente. A realidade é uma construção feita de dois elementos, fazendo com que haja uma redefinição dos passados individuais, de um modo compatível com a identidade própria e com o outro. É um elemento importante na criação do terceiro elemento, denominado por *nós*. Recuperando a metáfora matemática de Caillé, poderemos dizer que “ $eu+eu=nós$ ”, sem a fórmula esgotar-se na sua aparente linearidade. Nesta fase podem emergir determinados conflitos, que incidem principalmente na redefinição dos limites do subsistema: entre os indivíduos, com as famílias de origem, com os amigos, com o mundo profissional. Mas é esta definição de limites que é fundamental para a protecção do casal, levando a um equilíbrio entre a abertura e fecho dos limites.

Também para DeFranck-Lynch (1986, cit. in Relvas, 1996), o ciclo vital do casal divide-se em três fases. A primeira fase é designada de *estádio de fusão*, distinguindo-se por movimentos diferenciados sempre com o mesmo objectivo; a principal tarefa desta fase consiste na fusão de dois indivíduos distintos num só sistema, o que implica um investimento na relação. Há uma necessidade de maior isolamento do casal, afastamento das relações com amigos e com a família de origem. É o estágio do estabelecimento do referido *nós*. É preciso descobrir as necessidades próprias de intimidade e distância ao nível físico, intelectual e emocional, tanto quanto a do parceiro. Na segunda fase surge a *rotina* e o *aborrecimento*, as características do parceiro que ao início eram vistas como atractivas, passam a ser vistas como falhas. Existe um retorno ao “*tu*” e ao “*eu*”. A tarefa do

casal consiste em permitir a transformação de um subsistema formado por duas semi-entidades. O casal toma consciência sobre a relação que os liga, bem como das suas divergências. A terceira e última fase centra-se na *empatia* e *liberdade*, onde duas pessoas estão reunidas, mas isto não é sinónimo de estabilidade final, pois vai passando por períodos de mudança.

No subsistema conjugal, os aspectos mais importantes tidos no seu funcionamento são a complementaridade e a adaptação recíproca. Uma das funções deste subsistema é o desenvolvimento de limites que protejam o casal da intromissão de outros elementos, constituindo, assim, um suporte para lidar com o *stress* intra e extra familiar. A comunicação no subsistema conjugal é outro parâmetro importante a referir, pois é uma forma de podermos compreender como estes se estruturam e como se desenvolvem enquanto casal. Este subsistema, o conjugal, está inerente a mudanças, a pressões internas e externas, a *stress* e a possíveis crises (Alarcão, 2006). A família é assim vista, como um sistema sociocultural aberto e em transformação. Constitui uma unidade social que se confronta com uma série de tarefas de desenvolvimento, permite uma predictibilidade de estágios, dirigidos por mudanças necessárias para a reorganização de velhos subsistemas e para o aparecimento de novos, alternando os limites dentro e fora da família: “O nosso entendimento de família é moldado pelos padrões envolventes das famílias reais que estão à nossa volta” (Erera, 2002, p. 2).

Apesar da família ser uma instituição universal e em todos existir uma ideia de família, temos dificuldade em optar por uma definição. A palavra família estabelece associações com outros termos como por exemplo, casamento, filhos, casa ou parentesco, e na realidade esses são elementos que aparecem em muitas definições de família. Na clássica definição de Murdock (1949, cit. in Amaro, 2004, p. 2) “a família é um grupo social caracterizado por residência comum, cooperação económica, e reprodução. Inclui adultos de ambos os sexos, pelo menos dois dos quais mantêm um relacionamento sexual aprovado socialmente, e uma ou mais crianças, próprios ou adoptadas, dos adultos que coabitam sexualmente.”. Embora muitas das famílias actuais pudessem enquadrar-se nesta definição que tem já cerca de meio século, temos que ter presente, que concepção de família tem-se transformado e hoje já não faz sentido tal concepção.

Assim, o ciclo de vida de uma família dita tradicional inicia-se na união de duas pessoas que se escolhem para formar um casal e que se comprometem numa relação que pretendem que se prolongue pelo tempo (Relvas, 2000). Contudo, este ciclo verifica-se cada vez menos nas famílias da nossa sociedade actual, visto muitas delas serem famílias reconstituídas, famílias monoparentais, famílias de adopção, famílias homossexuais. São as chamadas “**novas famílias**”, apesar de sempre se

terem registado tais formas sócio-historicamente, o que nos obriga a pensar em contextos familiares que são variações ao ciclo de vida que nos habituámos a estudar (Relvas & Alarcão, 2002).

Tal como os indivíduos que a compõem, a família insere-se num contexto evolutivo e possui assim, o seu **ciclo vital**. Noutras palavras, **numa perspectiva desenvolvimentista**, a família também nasce, cresce, amadurece, habitualmente reproduz-se em novas famílias, encerrando o seu ciclo vital com a morte dos membros que a originaram e a dispersão dos descendentes para constituir novos núcleos familiares. Segundo Relvas (1996, p. 16), “o desenvolvimento familiar reporta-se à mudança da família enquanto grupo, bem como às mudanças nos seus membros individuais, ao nível de três componentes: funcional, interaccional e estrutural. Contudo, o carácter desenvolvimentista desta abordagem reside especificamente na identificação de uma sequência previsível de transformações na organização da vida familiar, em função do cumprimento de tarefas bem definidas; a essa sequência dá-se o nome de ciclo vital e essas tarefas caracterizam as suas etapas”, sublinhando o seu carácter normativo.

A marcação das diferentes etapas do ciclo vital tem variado consoante os autores, tendo como referência a família nuclear tradicional, composta por pai, mãe e filhos. Alguns destes autores, como Duvall (1957), que apresentou a primeira classificação de estádios do ciclo vital nos anos cinquenta, introduziram a noção de tarefa de desenvolvimento no todo familiar, considerando como critério de delimitação a presença de crianças e a idade e evolução do filho mais velho. Hill e Rogers (1964) asseveram a existência de três critérios no estabelecimento dos estádios de desenvolvimento: 1) alteração no número de elementos; 2) alterações etárias; 3) alterações no estatuto ocupacional dos elementos encarregados da protecção/suporte familiar (cit. in Relvas, 1996). Segundo McGoldrick e Carter (1995) a perspectiva do ciclo de vida familiar focaliza-se nas fases pelas quais a família passa e se desenvolve, tendo um parâmetro do que é esperado e mesmo das interrupções ou deslocamento do ciclo de vida familiar em desdobramento. Estes autores propõem seis estágios de ciclo de vida familiar a partir de estudos que desenvolveram com famílias americanas. O primeiro estágio é caracterizado pela saída do jovem de casa dos pais; o segundo estágio é descrito pelo momento em que existe a formação do novo casal; o terceiro estágio com o nascimento dos filhos; o quarto estágio, em que os jovens ambicionam mais liberdade e experiências fora do lar; o quinto estágio, em que os filhos já adultos, deixam o lar dos pais; e o sexto, das famílias em estágio tardio na vida.

Relvas (2000), define um faseamento semelhante ao proposto por Minuchin e Fishman (1990), que propõem quatro etapas para o ciclo vital da família: formação

do casal; família com filhos pequenos; família com filhos na escola ou adolescentes e família com filhos adultos. Com a sustentação destes autores, Relvas (2000) introduz ainda uma alteração na terceira fase “famílias com filhos em idade escolar ou adolescentes” que desdobra em duas. Considerando que a entrada na escola e a adolescência dos filhos “colocam” à família questões bem diferenciadas, não tanto em termos do “sentido” das mudanças, que será sempre a separação, mas em função do “grau, qualidade e efeitos” da própria mudança.

Pela influência na nossa formação que tem a proposta de Ana Paula Relvas (1996), adoptámos a caracterização das diferentes fases do ciclo vital equacionadas por esta autora, por as considerarmos, pertinentes para quem pretender conhecer e intervir com a(s) família(s): formação do casal; família com filhos pequenos; família com filhos na escola; família com filhos adolescentes; família com filhos adultos (Quadro n.º1). Posteriormente desenvolveremos a fase da família com filhos pequenos e família com filhos na escola, de forma mais pormenorizada, dado o enquadramento do nosso estudo.

Quadro n.º1 - Principais Características das Fases do Ciclo Vital da Família

Fase do Ciclo Vital da Família	Principais Características
Formação do casal	<ul style="list-style-type: none">* Formação do novo sistema conjugal* Realinhamento das relações com as famílias de origem e os amigos de modo a incluir o cônjuge* Ajustamento do subsistema conjugal
Família com filhos pequenos	<ul style="list-style-type: none">* Assumir papéis parentais* Realinhamento das relações com as famílias de origem a fim de nelas incluir os papéis parentais e os avós* Abertura do sistema familiar a um novo subsistema
Família com filhos na escola	<ul style="list-style-type: none">* Primeira crise de desmembramento que a família enfrenta: implicando em termos internos a separação e em termos externos o início da relação com um novo sistema
Família com filhos adolescentes	<ul style="list-style-type: none">* Mudança nas relações pais-filhos: possibilitar aos filhos as entradas e saídas do sistema* Recentração nos aspectos da vida conjugal da meia-idade e das carreiras profissionais* Renegociação do subsistema conjugal como díade* Desenvolvimento de relações adulto-adulto entre os jovens e os pais
Família com filhos adultos	<ul style="list-style-type: none">* Realinhamento de relações para incluir os parentes por afinidade e os netos* Necessidade de lidar com as incapacidades e morte dos pais (avós)

Fonte: Adaptação de “O ciclo vital da família – perspectiva sistémica” por Relvas, 1996, p. 20.

Atendendo aos objectivos do presente estudo, centremo-nos em duas destas fases: **famílias com filhos pequenos** e **famílias com filhos na escola**. No entanto, é importante referir a formação do casal também como uma fase importante para o estudo, como já foi referenciada anteriormente.

Com o nascimento do primeiro filho inicia-se uma nova fase (família com filhos pequenos) de transição do ciclo vital familiar. A díade alarga-se à tríade, e a “revolução” afectiva do casal é acompanhada de uma redistribuição de papéis, funções e imagens identificatórias a três níveis: no seio do próprio par, nas relações entre os membros do casal e as famílias de origem e nas relações com os contextos envolventes mais significativos (profissional, de amizade, rede de suporte social, entre outros) em que as tarefas indicadas são relativas às exigências postas à família pelo nível etário e desenvolvimento das crianças. Desde o nascimento do primeiro filho até à sua entrada na escola, o sentido da mudança é fundamentalmente o mesmo: trata-se da reorganização familiar, através da definição de papéis parentais e filiais e de uma nova redefinição de limites face ao exterior, visando uma maior abertura às famílias de origem e à comunidade (Alarcão, 2006).

Carter e McGoldrick (1995, p. 212) referem tal como Bowen (1979, cit. in Andolfi, 2002), que “para os casais cujo vínculo era mais de fusão do que de intimidade, a chegada de um filho acciona o triângulo da família nuclear, pondo em risco a estabilidade do relacionamento dos pais; a presença e o comportamento do filho podem fazer com que um dos pais se aproxime dele, deixando o outro distante. Para alguns casais distantes, a chegada de um filho representa uma proximidade desejada com o outro, através deste. O envolvimento do filho no processo proximidade-distância do triângulo paterno pode ser suficientemente bom para sustentar o crescimento e o desenvolvimento do filho. ”

A descrição da interacção familiar através de “triangulações” foi apontada por Bowen (1979, cit. in Andolfi, 2002) como algo que ocorre em todas as famílias e grupos sociais, tratando-se da formação de um par com exclusão de um terceiro, ou contra este. Com base na teoria boweniana, estes triângulos, através das suas interconexões compõem uma imensa rede complexa que envolve todos os indivíduos. As tríades e os triângulos latentes estão presentes na vida das pessoas e desempenham um papel muito importante na diferenciação dos mesmos, assim como promovem a superação da fusão na díade. Andolfi (1996, p. 36) refere que “a partir do momento em que uma pessoa vem ao mundo, naturalmente faz parte de uma rede de triângulos”. O triângulo original é constituído pelos pais e pelo filho. Antes mesmo do nascimento da criança, as expectativas dos pais e da família extensa, já estarão activadas.

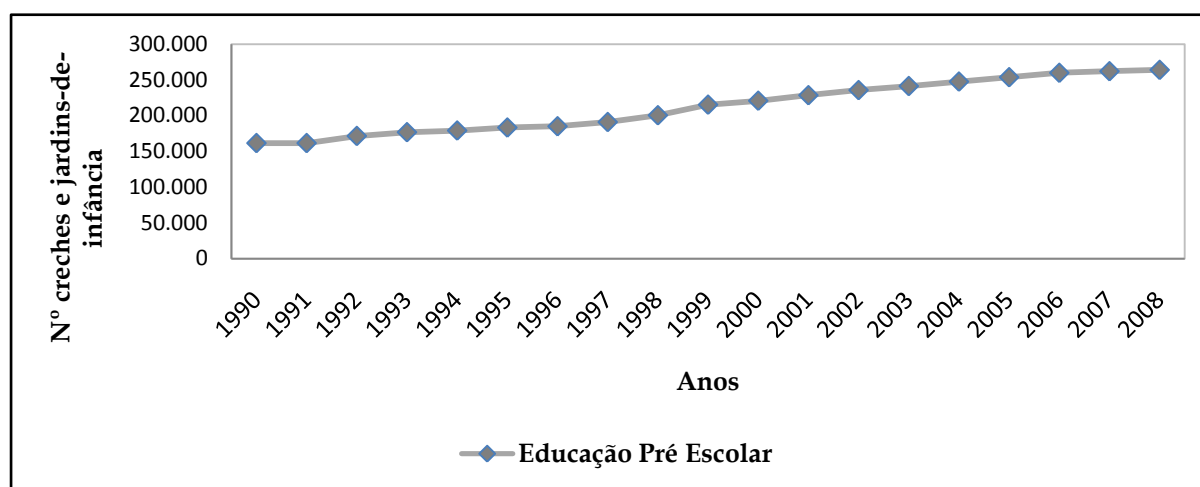
A entrada da criança na escola, continuidade da etapa que a precede no ciclo vital, é um momento crucial de abertura do sistema familiar ao mundo que o rodeia. “É o primeiro grande teste à capacidade familiar relativa ao cumprimento da função externa” (Relvas, 1996, p. 114). A família sente-se observada no que se refere à sua “imagem”, num duplo sentido: primeiro em termos do desempenho escolar da criança propriamente dita e, segundo, no que se refere às competências que aquela possui para viver e conviver com os outros (iguais e adultos). Neste “argumento”, a entrada dos filhos na escola é a primeira crise de desmembramento que a família enfrenta, implicando em termos internos a separação e em termos externos o início da relação com um sistema novo, bem organizado e altamente significativo (ibidem).

A educação de infância surgiu inicialmente pela necessidade social de apoio à família. A criação de instituições para a infância decorre das mudanças sociais que se verificaram nos finais do século XIX. A crescente industrialização de muitos países – conhecida por “revolução industrial” – levou muitas famílias a abandonarem os campos e a fixarem-se em zonas urbanas, onde não dispunham do apoio de uma “família alargada”. Foi então, necessário criar respostas institucionais, cuja função consistia essencialmente em tomar “conta” das crianças, enquanto as mães trabalhavam fora de casa (Vilhena & Silva, 2002). Foi assim, no final do séc. XIX que se desenvolveram as primeiras instituições de apoio à infância, mas a Educação Pré-escolar só sofreu um grande impulso nas últimas décadas, “Quando em 1973 foi aprovado a Reforma do Sistema Educativo, a educação pré-escolar passou a ser novamente reconhecida como parte integrante do mesmo” (Migueis & Gaspar, 2004, p. 175). Porém, o estabelecimento do Sistema Público de Educação Pré-escolar, ocorreu só em 1977, com o objectivo de aumentar e aperfeiçoar a qualidade da rede de apoio às crianças e permitir o seu ingresso no sistema educativo (Fernandes, 2009). Contudo, em 1997, a Lei-Quadro da Educação Pré-Escolar ordenou que esta educação fosse a primeira etapa da educação básica ao longo da vida, “sendo complementada com o apoio da família, com a qual deve manter uma colaboração efectiva, favorecendo a formação e o desenvolvimento equilibrado da criança, tendo como objectivo a sua inserção na sociedade” (Fernandes, 2009, p. 60).

Com a institucionalização escolar das crianças, a relação entre a escola e a família está obrigatoriamente presente. A análise desta relação não pode ser desligada da sociedade em que se insere, dos seus modelos familiares e escolares e do conflito entre a cultura escolar e as culturas locais que as famílias incorporam (Silva, 2006). A Educação Pré-Escolar, ainda que de frequência facultativa, é o primeiro degrau de um longo caminho educativo com um peso decisivo no sucesso escolar e social das crianças, e o Jardim-de-Infância configura-se como um espaço de tempo privilegiado para as aprendizagens estruturantes e decisivas no desenvolvimento da criança (Sim-Sim, Silva, & Nunes, 2008).

Nos dias de hoje, articular a vida familiar com a vida profissional, não é fácil porque existem muitas dificuldades inerentes a este contexto. A conjuntura económica actual, as dificuldades financeiras, a realização e o investimento profissional, o facto de os avós não estarem disponíveis para cuidar dos netos, são algumas das principais motivações para que os membros do casal tenham de colocar os filhos cada vez mais cedo em creches e/ou jardins-de-infância. Esta realidade é visível principalmente desde 1990. Ao longo da pesquisa efectuada, foi possível constatar que houve um aumento significativo no número de crianças a frequentar creches e jardins-de-infância, tal como é possível observar no Gráfico n.º 1.

Gráfico n.º1 - Número de creches e jardins-de-infância em Portugal entre 1990 e 2008



Fonte: Pordata²

Segundo Carvalho, Boléo, e Nunes (2006, p. 39), décadas depois da emancipação da mulher e da massificação da escola, os pais vivem cada vez mais atarefados, correndo para todo o lado e tendo cada vez menos tempo para os filhos. As próprias mães - consideradas, desde sempre, como um referencial ao nível da educação dos filhos - desejam, nos dias de hoje, acumular esta função a um estatuto mais activo, não querendo estar unicamente rotuladas como “domésticas”, mas querendo estar em diversas frentes: profissional³, pessoal e maternal.

Remetendo para a **história da família**, esta tem conhecido consideráveis variações quer na estrutura, quer na sua composição. Estudos realizados na década de setenta do século XX, na Europa Ocidental e Estados Unidos, referenciados por Hareven (1985, cit. in Lima, 2003), consideravam a família nuclear o tipo de estrutura familiar predominante nas sociedades pré-industriais. A família pré-industrial exercia um rígido controlo sobre os seus próprios membros: “O marido era o chefe e

² Estes dados encontram-se disponíveis online: http://www.pordata.pt/azap_runtime/?n=4

³ Esta situação é principalmente marcante em Portugal, pois é o país com a maior percentagem da Europa de mulheres que trabalham a tempo inteiro (Vilhena & Silva, 2002).

exercia unilateralmente o poder paternal, não existindo normalmente partilha de poderes entre homem e mulher. Sobre os filhos os pais tinham poder absoluto, inclusive o de decidir sobre o seu futuro profissional e privado. O casamento era normalmente um assunto de família, dependendo directamente dos pais.” (Lima, 2003, p. 72). A industrialização, a reestruturação da economia e a urbanização foram a causa de um novo tipo de estrutura familiar, afectando profundamente as funções e valores familiares. A família pós-industrial tinha como principais finalidades o consumo, a procriação e o cuidar das crianças, contribuindo também para esta alteração a escolaridade obrigatória e a sua progressiva extensão. Este fenómeno pode ser entendido de *desinstitucionalização* da família (Aboim, 2006a, 2006b).

Estas modificações aconteceram na maior parte dos países europeus na década de trinta, contudo, em Portugal, por motivos que resultaram da realidade sociopolítica vigente, estas alterações só se começaram a sentir por volta da década de setenta. O movimento estudantil de Maio de 68 em França promoveu algumas mudanças: o feminismo, o movimento a favor da contracepção e a dissociação sexualidade-procriação, entre outras. Então, neste contexto, o casamento deixa de ser uma instituição e passa a ser apenas uma formalidade, aumentando consideravelmente o número de casais “não casados”. O conceito tradicional do casamento foi progressivamente alterado ao longo do tempo, devido principalmente à construção da liberdade individual. Foram também introduzidas novas leis referentes ao divórcio, e as famílias monoparentais tornaram-se mais frequentes, devido ao próprio divórcio, e também pelo aumento do número de mães solteiras. Para alguns teóricos, como Hareven (1985, cit. in Lima, 2003), estas mudanças traduziram-se num empobrecimento a nível social e humano, promovendo uma perda na dinâmica interna e na qualidade do ambiente familiar. Não impeditivos, estas alterações diminuíram consideravelmente a pressão que a família exercia sobre os seus membros, possibilitando um maior espaço para a individualidade de cada um. Todas estas transformações foram verificadas no contexto da sociedade portuguesa⁴, apesar de ocorrerem mais desfasadamente e posteriormente, relativamente a outros países da Europa Ocidental e aos Estados Unidos da América.

A família não é uma unidade isolada, encontrando-se em constante interacção com o meio envolvente. Então, a entrada da criança no pré-escolar engloba, um novo mundo de relações, aos quais os pais têm que se adaptar, tanto em termos cognitivos, afectivos, temporais e económicos. Nas famílias com filhos pequenos,

⁴ As últimas décadas têm sido em Portugal, atravessadas por grandes transformações sociais na situação das famílias, e principalmente, das mulheres, transformações essas que se enquadram nos processos estruturais de mudança profunda de que tem sido palco a sociedade portuguesa (Wall, 2005, p. 169). Entre 1990 e 2008, as situações de conjugalidade informal duplicaram (de 27,5% para 55,6%), crescendo a um ritmo bastante superior ao do casamento (71.654 para 43.228 registos). Estes dados têm como fonte a Base de Dados Portugal Contemporânea (Pordata).

existe a necessidade de estabelecer interacções com a própria instituição escolar, bem como com vizinhos, amigos e familiares (Relvas, 2000; Alarcão, 2006). A escola e a família são assim, uma complementaridade uma da outra. Com a institucionalização escolar das crianças, a relação entre a escola e a família está obrigatoriamente presente. Tal como é defendido por Mounier e Pourtois (Teixeira, 2006, p. 39), quando afirmam que “a escola e a família são contextos do desenvolvimento dos indivíduos com papéis complementares no processo educativo cujo significado cultural, económico e existencial (...) reside no encontro dinâmico das realidades, valores e projectos de cada uma destas unidades sociais”.

Então, o jardim-de-infância generalizou-se como um contexto alternativo de protecção e educação, sendo considerado um substituto desejável para a família. Ou seja, os contextos educativos formais assumiram decididamente uma predominância relativamente aos naturais.

Assim, não havendo qualquer intenção da nossa parte em menosprezar o trabalho dos diferentes autores, que estudam esta temática, consideramos que as etapas do ciclo de vida, “famílias com filhos pequenos” e “famílias com filhos na escola”, deveriam ser equacionadas para um possível estudo na definição de um novo faseamento. Pois como foi referido anteriormente, consideramos que actualmente, estas duas etapas comportam questões diferenciadas, não tanto em termos das mudanças, mas em função do grau, qualidade e efeitos da própria mudança, que opera neste sentido.

A Conjugalidade

“As conjugalidades actuais são feitas de afectos como de rotinas e obrigações quotidianas.”

(Aboim, 2006, p. 803)

Avaliar a satisfação conjugal implica compreender a avaliação dos cônjuges quanto ao seu desempenho na relação, e ao desempenho da própria relação, isto é, a percepção de cada um sobre a qualidade conjugal. Whisman (1997, cit. in Narciso & Ribeiro, 2009, p. 63) refere um Modelo Integrativo, no qual apresenta uma classificação dos factores que influenciam a satisfação, os intrapessoais, interpessoais e contextuais. Os *factores intrapessoais* referem-se às “características que descrevem algo de um ou ambos os parceiros”, como as características da personalidade, cognições, componentes afectivos e padrões de vinculação; os *factores interpessoais* “consistem em características que descrevem a relação entre os parceiros”, tais como a comunicação, os conflitos, a resolução de conflitos e a similitude entre parceiros; e os *factores contextuais* que se referem às características do meio que também

influenciam a satisfação conjugal, tais como os acontecimentos de vida stressante e o contexto social dos cônjuges.

Um conceito que está intimamente relacionado com a satisfação conjugal é o de **proximidade conjugal**. O grau de conforto com o nível de proximidade experienciado pode variar entre os membros do casal. Por exemplo, as mulheres parecem ter um maior desejo de proximidade do que os homens que, por sua vez, privilegiam mais a autonomia (Kenny & Acitelli, 1994; Ribeiro, 2002; Lopes, 2008).

A relação entre a proximidade relacional e a qualidade da relação foi comprovada num estudo de Mashek e Sherman (2004, cit. in Lopes, 2008, p. 11) no qual se reconheceu que “os indivíduos que não descrevem qualquer discordância entre o nível desejado e o nível real de proximidade, referem também uma elevada qualidade relacional. Pelo contrário, quando existe discrepância entre os dois níveis de proximidade, independentemente de se tratar de um desejo de maior ou menor proximidade, é sempre relatada, também, uma deterioração da qualidade relacional”.

Outro conceito que está ligado à satisfação conjugal é o de **intimidade**⁵. Wynne (1988, cit. in Lopes, 2008) refere-se à intimidade como um processo relacional de partilha de sentimentos, fantasias e experiências com significado afectivo. Este autor, considera ainda que os conteúdos que são objecto de partilha poderiam ser a causa de traição ou de crítica, no entanto, para que ocorra uma relação de intimidade, tem de existir confiança. A intimidade é influenciada por componentes individuais, como a motivação para a sua procura, a capacidade de a manter e as características de cada indivíduo. Esta variabilidade resulta das experiências vivenciadas ao longo do ciclo de vida (Narciso, 2002), principalmente nas relações íntimas com a família de origem, durante a infância e a adolescência, onde se processa a aprendizagem da intimidade.

Alguns estudos referem que a qualidade conjugal durante o curso de um casamento, tende a seguir um caminho em “U”, (Anderson, Russell, & Schumm, 1983; Belsky, Lang, & Rovine, 1985; Glenn, 1990; Lee, 1988; Weishaus & Field, 1988), ou seja, a satisfação tende a ser elevada durante as fases iniciais do casamento e depois declina por cerca de 10 a 20 anos. A duração do casamento também tem sido considerada como um factor relacionado com a satisfação conjugal. A satisfação pode ser maior em casais com maiores níveis de intimidade e com uma maior capacidade para lidar com as lutas e as mudanças decorrentes do relacionamento (Patrick, Sells, Giordano, & Tollerud, 2007).

⁵ Os conceitos de proximidade conjugal e intimidade são muito semelhantes conceptualmente. Contudo, alguns autores utilizam apenas um, ou outro, dos conceitos, pelo que neste trabalho, se optou por os abordar em categorias distintas.

Ainda Gottman e Rusche (1995, cit. in Figueiredo, 2005, p. 127) indicam que seriam necessárias para a qualidade da relação conjugal certas habilidades, tais como, a identificação dos diferentes estados de descontrolo emocional (em si mesmo, como no cônjuge), ouvir de forma não defensiva e com atenção, validar o sentimento do cônjuge e quebrar o ciclo “queixa-crítica-defensividade-desprezo”.

A intimidade é uma parte do todo que é a conjugalidade, e engloba sete processos centrais, segundo Narciso (2002): os *sentimentos*, ou seja, o amor; a *auto-revelação/partilha*, que constitui um componente simultaneamente catalisador e catalisado por sentimentos de amor; o *apoio emocional* que se refere à preocupação; *validação e suporte mútuos*, que parece estar fortemente relacionado com a satisfação conjugal; a *confiança*, que é um componente que, para existir, pressupõe uma visão positiva do parceiro e da relação; a *mutualidade* que diz respeito à história de vida, sentimentos, pensamentos e comportamentos conjuntos realizados pelo casal; a *interdependência* que se prende com o equilíbrio entre a pertença e a autonomia, o que é fundamental para o bem-estar relacional e individual; e a *sexualidade* que é um dos processos vitais para a manutenção de uma relação apaixonada.

A **satisfação conjugal** desempenha um importante papel na vida da maioria dos membros do casal. Muitos dos estudos demonstram que, um casamento satisfatório é um dos principais objectivos a atingir (Karney & Bradbury, 2005; Conger & Conger, 2002; Roberts & Robins, 2000; Assad, Donnellan, & Conger, 2007; Lopes, 2008).

A satisfação conjugal pode ser compreendida como a diferença entre o funcionamento ou ajustamento real do casal e aquele que seria o seu ideal (Olson, 1988, cit. in Narciso & Costa 1996). Narciso (2002) desenvolveu uma investigação no âmbito da conjugalidade, tendo como principais objectivos, a compreensão da natureza complexa da satisfação conjugal e a concepção de um sistema de avaliação da qualidade e da satisfação conjugal. De forma a atingir estes objectivos, a autora recolheu informações junto de casais acerca dos factores que influenciam a satisfação conjugal.

Segundo Narciso e Ribeiro (2009) são vários os factores que podem influenciar a satisfação conjugal, podendo ser organizados, em **Centrípetos**, **Centrífugos** e de **Tempo ou Percurso de Vida**. Os *Factores Centrípetos* são aqueles que se referem aos processos que se produzem na relação e produzem os Processos Comportamentais ou Operativos (comunicação, conflitos e resolução de conflitos, controlo relacional), Processos Cognitivos (pressupostos/padrões, percepções, atribuições, expectativas) e Processos Afectivos (amor, intimidade, compromisso). Os *Factores Centrífugos* são aqueles que dizem respeito aos factores que condicionam a relação ou a afectam, não tendo a sua origem no subsistema conjugal, mas sim noutros sistemas que com este

estão em contacto e englobam Factores Contextuais (família de origem, rede social, trabalho, demográficos) e Factores Pessoais (padrões de vinculação, personalidade, demográficos). O *Factor Tempo ou Percurso de vida conjugal* consiste noutro factor que influencia o subsistema conjugal.

Miller (1976, cit. in Figueiredo, 2005) estabelece alguns antecedentes para a satisfação conjugal: os papéis de transição na família, o tempo e duração dedicada à convivência, o número de filhos, os anos de casados e o nível socioeconómico. Ao aplicar este modelo, o autor observou que a facilidade de adaptação a mudanças de papéis familiares e a duração da convivência afectam directamente a satisfação conjugal. Outros factores apontados como relevantes, que não serão aprofundados neste trabalho, é a relação sexual satisfatória, o espaço para os filhos, ou mesmo os antecedentes de socialização.

Para que se possam perceber estas diferenças, é necessário conhecer o ciclo de vida da família, pois todos os acontecimentos normativos e não normativos, que ocorrem a nível familiar, podem aplicar transformações no subsistema conjugal. Inicialmente, deveremos sempre analisar a fase da formação do casal, etapa que corresponde à formação de uma nova família, uma vez que, o casal vai criar uma nova autonomia e identidade próprias (Relvas, 1996).

Quando surge o primeiro filho, ocorre uma transformação na família, e conduz a uma reorganização da função conjugal para a função parental. A relação que se estabelece entre mãe e filho pode levar a que o pai se sinta colocado em segundo plano (Alarcão, 2006). Por esta razão, Relvas (1996, p. 79), refere que “o aparecimento de uma criança traz consigo um decréscimo na intimidade e satisfação conjugal em termos globais e específicos, como, por exemplo, a nível das relações sexuais e do tempo e atenção mutuamente disponível entre os membros do casal”.

O amor é apontado como o principal e, por vezes o único motivo para a formação do casal, assim, é relevante compreender qual a evolução que o “amor” sofre ao longo do tempo. Historicamente, o início da vida conjugal corresponde ao momento em que os dois indivíduos começaram a viver juntos, independentemente do vínculo formal ou informal. A entrada na conjugalidade afecta positivamente ao nível da *identidade para si* e ao nível da *identidade para os outros* (Wall, 2005). Relativamente à evolução do amor, podemos referir, que a primeira fase é a do *amor romântico*, que tentava preparar os indivíduos para uma futura coabitação. Berger e Kellner (1988, cit. in Singly, 1993, p. 84) dizem que a “solidez do casal é directamente proporcional à quantidade e qualidade do diálogo entre os cônjuges”. Contudo, a existência destes novos modelos familiares, ou seja, a família constituída pelo pai, mãe e filhos continua a ser a mais dominante, tal como afirma Wall (1998), as mudanças que se observaram na sociedade portuguesa não “destruíram” a família.

Narciso (1994/95, cit. in Lopes, 2008, p. 21) sugere uma “visão do amor formado por vários componentes que se vão transformando, em função do tempo de duração e do momento da relação”. Também a intimidade, é inseparável da noção de tempo. Relativamente à satisfação conjugal os diversos estudos consideram que esta varia ao longo do tempo, devido a vários factores e acontecimentos que o casal vivência.

O tempo exerce, ainda, um papel importante nas semelhanças e diferenças entre os membros do casal. Alguns autores referem mesmo que, os membros do casal tendem a tornar-se mais semelhantes, ou seja, a convergir ao longo do tempo de relação, devido principalmente ao relacionamento entre as semelhanças na personalidade, atitudes e valores dos membros do casal, com uma satisfação conjugal mais elevada (Lopes, 2008). A passagem do **tempo** é também apontada como um factor primordial na relação conjugal. Como menciona Narciso, (1994/95, p. 129) “não é possível entender o casal se o isolarmos do tempo. O tempo é um diferenciador, um “fazedor” de diferenças”.

Anderson (2003, cit. in Gonzaga, Campos, & Bradbury, 2007) refere que existem três principais benefícios para a relação conjugal, que são semelhantes entre os membros do casal: a coordenação nas respostas ao ambiente, a maior facilidade em compreender os estados emocionais do parceiro e o sentimento de validação que se cria, uma vez que, ambos os parceiros sentem que partilham as suas emoções com uma pessoa importante.

As questões de género são relevantes nesta temática, pelo que abordaremos de seguida o **feminino e o masculino na conjugalidade**.

Os modelos familiares que se ensinam à criança, vão facultar o futuro desempenho do papel de homem ou mulher e de pai e mãe. E é através destes modelos familiares, que são transmitidos regras, mitos, rituais e crenças que têm como função orientar o indivíduo sobre a forma de se comportar, sentir e pensar. O impacto que estes modelos familiares apresentam no casal é muito elevado, uma vez que dizem respeito não só a questões de género, mas também a comportamentos que são ou não admissíveis no contexto de uma relação conjugal (Tenenbaum, 1998). A influência do clima relacional vivido na família de origem, principalmente as regras disfuncionais, pode gerar uma menor partilha de opiniões, sentimentos, e, ainda, uma menor intimidade a nível sexual (Lopes, 2008).

Uma das questões importantes no casamento, diz respeito à forma como são interpretadas as diferenças de género. Como mencionam Narciso e Ribeiro (2009, p. 208) “ser mulher ou homem cria as nossas experiências de relação, quer através da forma como estimula outros a comportarem-se relativamente a nós, quer como influência o nosso próprio comportamento relativamente a outros”. Assim, as

diferenças de género levam a que, o maior factor de satisfação conjugal nos homens seja a percepção de que a parceira seja responsável, e, no caso das mulheres a percepção do parceiro como simpático e emocionalmente estável. Todavia, estas características da satisfação conjugal são valorizadas por ambos os sexos (Norman, 1963; Goldberg, 1981; Shackelford & Buss, 1997, cit. in Narciso, 2002).

Apesar de existir alguma disparidade de género em diversas atitudes relacionadas com comportamentos e no próprio emprego, as mulheres relatam um maior cumprimento relativamente aos homens⁶ (Hult, 2008; Hult & Svallfors, 2002; Svallfors et al., 2001, cit. in Kmec & Gorman, 2010). Muitos estudos referem que as mulheres parecem ter uma maior facilidade em expressar raiva, amor, felicidade e tristeza do que os homens. Por sua vez, os homens evidenciam uma maior dificuldade em identificar e expressar emoções. Uma das consequências das diferenças de género na satisfação conjugal é a comunicação de emoções. Relativamente aos homens, a comunicação de emoções não interfere significativamente com a satisfação conjugal, mas, no caso das mulheres, a expressão emocional do parceiro institui uma das variáveis com um forte impacto na satisfação conjugal delas (Cordova, Gee, & Warren, 2005).

Então, como ideia principal a reter, é que o género corresponde a um construto social. Apesar das suas diferenças físicas entre homem e mulher, estas não determinam diferentes formas de ser. Como refere Pereira (2009, p. 51) “as assimetrias no casal aparecem, muitas vezes, de forma dissimulada ou, sendo evidentes, são camufladas, pelo que se pressupõe serem normais, (...) o desempenho diferenciado de papéis pode, desde logo, estar presente aquando do encontro conjugal.”.

⁶ A relação entre a maternidade e a dimensão profissional é uma relação difícil, quer em termos simbólicos quer em termos identitários. As mulheres referem-se ao trabalho como vantajoso e imprescindível para a sua realização pessoal. Promove a sua auto-estima pessoal, conferindo-lhes um sentimento de autonomia, realização e integração social (Kmec & Gorman, 2010).

A Parentalidade

*“A conjugalidade não pode ser anulada, nem mesmo ocultada, pela parentalidade;
tem que ser com ela articulada. Mas também sabemos que a parentalidade é,
a todos os títulos, um parceiro muito exigente.”*

(Alarcão, 2006, p. 131)

A partir do conceito de ciclo de vida familiar, acredita-se que a transição para a parentalidade⁷ é uma das maiores mudanças por que o sistema familiar pode passar. É o momento em que os cônjuges, se tornam pais, e o nascimento do primeiro filho, em especial, é a primeira experiência de parentalidade vivida pelo casal. Bradt (1995) acredita que, na transição para a parentalidade, o casal deve ajustar o mesmo, para criar espaço para o filho e para os papéis de pais. Também Emery e Tuer (1993) e Minuchin (1982) entendem que a transição para a parentalidade exige que o sistema se reorganize e se acomode às mudanças e apontam como tarefa para o casal, a renegociação dos laços existentes com relação ao poder interpessoal e ao grau de aproximação emocional da sua relação (cit. in Menezes & Lopes, 2007).

A transição para a parentalidade leva a mudanças na vida dos membros do casal. A parentalidade afecta o casal a nível pessoal, familiar e social. É o início de uma nova fase do ciclo de vida da família, que envolve modificações e reformulações a um nível cognitivo, biológico, social e afectivo (Lima, Esteves, Graça, & Alves, 2007). Minuchin (1982) refere que surgem novos subsistemas, que obrigam a novas funções e a uma renegociação dos limites com a família de origem e com o mundo que os rodeia.

Assim, as maiores mudanças entre as mulheres são ao nível fisiológico, da aparência e do corpo, e ao nível das relações sociais; nos homens esta transição inclui mudanças principalmente nos papéis sociais (Lima et al., 2007). O nascimento de uma criança é assinalado como uma das maiores transições interpessoais durante o desenvolvimento, quer do indivíduo, quer da família, sinalizando a entrada numa nova fase do ciclo de família, exigindo uma adaptação, por parte dos membros do casal (Deutch, Ruble, Fleming, Brooks-Gunn, & Stagnor; Grossman, Salmela-Aro, Nurmi, Saisto, & Halmesmäki, 2000, cit. in Lima et al., 2007).

O exercício da paternidade/maternidade envolve diferentes dimensões. Alguns estudos têm salientado, entre outros aspectos, a percepção dos pais e mães sobre o seu próprio desempenho quanto à sua competência, satisfação, integração e

⁷ O conceito de parentalidade, tradução directa do termo inglês *parenting*, faz parte desde há alguns anos da terminologia básica da psicologia, sendo objecto de inúmeras referências na literatura.

investimento no exercício deste papel, formas como os pais interagem com os filhos, estilos de punição e medidas disciplinares utilizadas (Ribas, Junior, & Valente, 2006). Os sistemas de crenças parentais podem ser definidas como conjuntos organizados de ideias que estão implícitas nas actividades da vida diária e nos julgamentos, escolhas e decisões que os pais tomam, no qual resultam da história pessoal de cada um dos progenitores (Kobarg, Sachetti, & Vieira, 2006). Assim, os comportamentos parentais são influenciados por aquilo que os pais trazem da sua história pessoal, das suas características e habilidades (Menezes, 2001).

Um estudo realizado por Verhoeven, Junger, Aken, Dekovic, e Aken (2007), analisa os principais determinantes de cinco dimensões parentais, que são: o suporte parental, a estrutura da disciplina positiva, o controlo psicológico e físico e a punição. Os resultados obtidos confirmam que estes determinantes são importantes para o próprio comportamento dos pais. Ainda Rothman (2004, cit. in Menezes & Lopes, 2007) num estudo com 114 casais, concluiu que a satisfação conjugal permaneceu estável desde a formação do casal até ao fim da gravidez, mas declinou significativamente durante a transição para a parentalidade. Ainda esta autora refere que este declínio foi mencionado tanto pelos homens como pelas mulheres, mas relacionado a diferentes motivos. Para as mulheres, os motivos centravam-se na depressão e no temperamento da criança, enquanto para os homens, a tendência a fazer atribuições positivas sobre o comportamento das parceiras explicou o declínio da sua satisfação com a relação conjugal.

Importa agora analisar as principais **repercussões do nascimento do primeiro filho na relação conjugal**.

O **casamento**⁸ é compreendido como uma união entre dois indivíduos, contudo, na realidade ele representa as mudanças de dois sistemas e uma sobreposição que desenvolve um terceiro subsistema. A transição para a parentalidade é uma mudança de estágio do ciclo de vida da família, vivido de maneira diferente por homens e mulheres (Almeida, 2007).

Eiguer (*apud* Rocha, 1993, cit. in Almeida, 2007, p. 15), percebe o nascimento do primeiro filho como um acontecimento psicossocial ligado ao ciclo de vida e vivido como uma descontinuidade em relação à estabilidade anterior, podendo ou não provocar um “trauma” ou até mesmo desencadear uma crise familiar. Isto porque a chegada de um primeiro filho provoca uma ruptura que se impõe à vida do casal, ou seja, “acarreta mudanças profundas e implica, entre outras coisas, na aquisição de um novo estatuto familiar e de um novo papel para cada um dos

⁸ Referimos o casamento e a sua definição, não o pressupondo como a única forma de conjugalidade aquando do nascimento dos filhos.

cônjuges”. Esta transição representa uma mudança profunda no ciclo de vida, pois ao tornarem-se pai e mãe, o casal assume novos papéis que podem exigir uma adaptação das suas identidades individuais e da identidade do casal.

O nascimento do primeiro filho reforça algumas das alterações já sentidas no início da vida conjugal, promovendo perdas, nomeadamente em termos do tempo pessoal, que deixam de ser negativas e passam a ser consideradas com indiferença (Wall, 2005, p. 373). O casal vivência conflitos específicos aquando do nascimento do primeiro filho, e essas mudanças são sentidas diferentemente. Cowan e Cowan (2002, cit. in Almeida, 2007) referem que a diferenciação entre homens e mulheres é sentida de forma distinta: as mulheres apresentam uma diminuição da satisfação conjugal, enquanto os homens também percebem esta diminuição. Este declínio é mais acentuado para as mulheres, pois com o aumento do número de membros da família, das tarefas e exigências, os momentos para um diálogo privado ou uma intimidade ficam reduzidos. Com o nascimento do filho, a falta de tempo para ficarem juntos é a principal desvantagem, e também a diminuição da frequência das relações sexuais. Também, McGoldrick e Carter (1995) referem que o estabelecimento dos papéis de pai e mãe podem interferir no declínio da satisfação conjugal.

Um estudo realizado por Krob, Piccinini, e Silva (2009) referem que muitos pais destacaram que o nascimento do primeiro filho traria modificações na vida do casal. Alguns dos participantes acreditavam que tanto eles como as suas parceiras mudariam o seu comportamento em função da atenção que ambos cederiam ao filho. Um pai mencionou inclusive a preocupação pela possibilidade da parceira dedicar-se exclusivamente ao filho e deixá-lo de lado. Contudo, alguns pais tinham expectativas de melhorar as suas vidas e os seus relacionamentos com o nascimento de um filho. Para alguns pais a maior mudança ocorreu ao nível da realização de diferentes actividades que realizavam anteriormente, abrindo mão destas. Outros referem que ocorreu uma aproximação do casal após o nascimento do filho, enquanto para outros houve uma diminuição dos momentos para o casal, uma vez que o filho estava em primeiro lugar, o que criava, algumas vezes, sentimentos de ciúmes e de se sentirem deixados de lado.

Quando na família há apenas um filho, ele recebe todo o investimento dos pais (Sampaio, 2007). Schwengber e Piccini (2003, cit. in Nunes, Fernandes, & Vieira, 2007, p. 165) referem que “o nascimento de uma criança, principalmente se for o primeiro filho, pode promover o surgimento de problemas emocionais nos pais como depressões, psicoses pós-parto e manifestações psicossomáticas”.

Focalizemos de seguida as questões relacionadas com as **preocupações parentais**.

Mesibov, Schroeder, e Wesson (1977) referem no seu estudo, que as **preocupações parentais** são entendidas enquanto dificuldades sentidas pelos pais. Enquanto Brazelton e Cramer (1991, cit. in Algarvio & Leal, 2004, p. 147) consideram que os “pais ao sentirem-se ansiosos em relação à criança sentem necessidade de encontrar respostas para fazer face às dificuldades sentidas”. Assim, é possível encontrar uma dimensão ligada a um estado afectivo ou emocional, um sentimento de mal-estar ou mesmo de medo, e por último, a procura da solução ligada à acção. Então, segundo esta óptica, a definição de preocupação parental aparece relacionada ao sintoma percebido na criança. Winnicott (1993, p. 147, cit. in Algarvio & Leal, 2004) refere que “a normalidade ou saúde está ligada à maturidade e não à inexistência de sintomas”. Ainda sabemos, que os sintomas considerados normativos do desenvolvimento podem, ao ser reforçados, tornar-se preocupantes em termos psicológicos.

As preocupações parentais designam um conjunto de comportamentos relacionais que ocorrem aquando do nascimento dos filhos e se prolongam ao longo da vida dos pais, com maior ou menor intensidade. Tal como outros comportamentos humanos, as preocupações parentais são comportamentos simultaneamente biológicos e sociais. Neste contexto, as preocupações parentais envolvem mais do que a prestação de cuidados por parte dos pais à criança (Lerner, Castelino, Terry, Vilarruel, & McKinney, 1995, cit. in Lima, 2003). Nesta perspectiva, as preocupações parentais, possuem uma dimensão histórica, cultural e contextual, relacionando as características da criança, dos pais, do grupo social e do tempo histórico. Assim, as preocupações parentais não dependem exclusivamente dos pais, mas também da própria criança. Os pais reagem em função das suas próprias características, constituindo assim, uma espécie de função circular no desenvolvimento individual. Por outro lado, a individualidade de cada criança relaciona-se com a individualidade dos pais, num processo que se prolonga no tempo, ou seja, a forma como os pais se comportam relativamente aos seus filhos depende muito da forma como os filhos também se comportam com os pais (idem).

As preocupações parentais contextualizam-se num conceito mais abrangente que alguns autores referem de função parental. Devido à sua complexidade, “a parentalidade pode num momento ou noutro, levantar problemas nas famílias normais ou próximas da normalidade” (Bléandonu, 2003, cit. in Algarvio & Leal, 2004, p. 148). Deste modo, a função parental deverá ser também um processo em desenvolvimento, isto é, em função das necessidades decorrentes do desenvolvimento da criança (Algarvio, Leal, & Maroco, *in press*, p. 3).

Segundo a pesquisa realizada por Mesibov, Schroeder, e Wesson (1977), as preocupações mais frequentes, são os comportamentos negativos, a higiene, os atrasos de desenvolvimento, e os problemas da escola.

Houzel (1997, cit. in Algarvio & Leal, 2004, p. 148) define três dimensões da parentalidade que coexistem, mas que funcionam a diferentes níveis: o exercício, a experiência e a prática da parentalidade. O *exercício* remete para “a identidade da parentalidade nos seus aspectos fundadores e organizadores”; a *experiência* refere-se às “funções da parentalidade e aos aspectos subjectivos conscientes e inconscientes do processo de parentalização”; relativamente à *prática*, “encontramos as qualidades de parentalidade e os aspectos mais ou menos observáveis das relações entre pais e filhos”.

Segundo Luster e Okagaki (1993, cit. in Lima, 2003, p. 124), o comportamento parental é determinado por aquilo que os pais trazem consigo para o contexto familiar: características de personalidade, grau de maturidade, valores, crenças, entre outros. Todos estes aspectos resultam de uma história pessoal, a qual inclui uma história relacional e a construção de modelos de relacionamento com os outros. Contudo, também as características do contexto imediato e do contexto mais global interferem na parentalidade: a qualidade da relação matrimonial e o suporte recebido de amigos ou familiares são alguns exemplos de factores do contexto imediato que afectam as preocupações parentais.

Assim, há que tomar em conta, as características da criança e o seu papel na relação com os pais. Como refere Lima (2003, p. 124), o “temperamento e as características da criança são exemplos de factores que a literatura tem vindo a apontar como particularmente relevantes”, podendo contribuir para suscitar por parte dos pais comportamentos mais preocupantes ou, pelo contrário, com menor intensidade.

Objectivos

Tendo presente a revisão da literatura, apresentamos de seguida os objectivos do presente estudo que se insere no âmbito de Mestrado Integrado em Psicologia Clínica - Ramo de Especialidade em Família e Intervenção Sistémica. Neste contexto, esta investigação pretende contribuir para o desenvolvimento de uma leitura mais compreensiva e multifacetada sobre a complexidade da Satisfação Conjugal e das Preocupações Parentais.

Frequentemente estes temas são estudados separadamente, não existindo em Portugal, muita investigação que os relacione. Assim, espera-se que este pequeno contributo funcione como um incentivador em futuras investigações nesta área.

Segundo a perspectiva sistémica, a transição para a parentalidade demarca uma das muitas mudanças do ciclo de vida da família. Cada etapa caracteriza-se pela presença de diferentes tarefas e desafios para o sistema familiar, bem como pela existência de diferentes padrões comunicacionais e de interacção entre os membros da família. Vários estudos, como o de Lee e Doherty (2007, cit. in Martins, 2008) referem que desde o nascimento de uma criança, tanto a mulher como o homem, se centram para as suas “novas” funções/papéis de pais. Desta forma, a parentalidade passa a coexistir com a conjugalidade, permitindo que o desenvolvimento individual de todos os membros do sistema familiar se possa desenvolver adequadamente, e possa responder correctamente à transição inerente desta etapa. O presente estudo tem como objectivo fulcral, analisar e compreender como a satisfação conjugal se relaciona com os domínios da preocupação parental.

Neste contexto, o estudo assenta numa análise do comportamento de variáveis da Satisfação Conjugal (Áreas da vida conjugal) e das Preocupações Parentais numa amostra com indivíduos casados ou a viverem em união de facto e com um único filho.

O principal objectivo deste trabalho prende-se com a seguinte questão: **“Em que medida as preocupações parentais influenciam a relação conjugal?”**.

De modo a orientar a investigação para responder a esta questão de investigação, foram enunciadas as seguintes questões:

- 1.Existem diferenças de sexo⁹ relativamente às áreas da vida conjugal?
- 2.Que áreas da vida conjugal mais contribuem para a satisfação conjugal?
- 3.A satisfação conjugal varia em função dos anos de casamento?
- 4.Existem diferenças de sexo nas áreas de preocupação parental?
- 5.Quais as áreas que representam maior nível de preocupação parental?
- 6.A preocupação parental varia com a idade dos filhos?
7. As Preocupações Parentais influenciam a Relação Conjugal?

⁹ É necessário clarificar os termos “sexo” e “género”. A utilização do termo género e não sexo posiciona-nos numa perspectiva que consideramos em que há uma construção social do género que transcende o problema das diferenças sexuais entre homem e mulher, ou seja, para descrever as atitudes e comportamentos que são considerados pela cultura como apropriados para mulheres e homens (Narciso & Ribeiro, 2009, p. 159). Consideramos o termo *sexo* reservado às diferenças biológicas e genéticas, entre homens e mulheres. No entanto, actualmente estes dois termos, interagem de formas complexas, na formação dos fenómenos sociais e psicológicos. Contudo, alguns investigadores opõem-se ao uso de diferentes termos para sexo e género, defendendo não ser possível qualquer tentativa para distinguir os aspectos biológicos e sociais do sexo, dado que “os dois factores interagem em qualquer função psicológica que queiramos considerar. Mais ainda, descobrir as conexões biológicas e sociais com o comportamento é um objectivo principal de investigação, não algo para ser assumido no princípio através da escolha da terminologia” (Maccoby, 1988, p. 755, cit. in Narciso & Ribeiro, 2009, p. 160). Optámos por utilizar os dois conceitos, apesar de apenas termos tido em conta a variável *sexo*.

MATERIAIS E MÉTODOS

No presente segmento é feita a apresentação do estudo empírico. Num primeiro momento, apresentam-se os objectivos e conceptualização deste. Depois, descreve-se o desenho metodológico, mencionando participantes, procedimentos e instrumentos de avaliação necessários para a elaboração do presente estudo.

O **desenho de investigação** permite-nos delinear um caminho, o qual devemos seguir ao longo do estudo. Seguindo uma metodologia de investigação quantitativa, o presente estudo obedece a um desenho não experimental, também designado por estudo descritivo ou de observação e correlacional, visto que não existe manipulação de variáveis independentes nem estabelecimento de causalidades, mas sim a descrição dos fenómenos e análise de relações entre as variáveis em estudo (Ribeiro, 1999).

O **mapa conceptual** consiste na representação gráfica das variáveis que compõem a questão inicial e as relações que se pretendem investigar entre estas: o sexo dos cônjuges, os anos de casamento e a idade dos filhos.

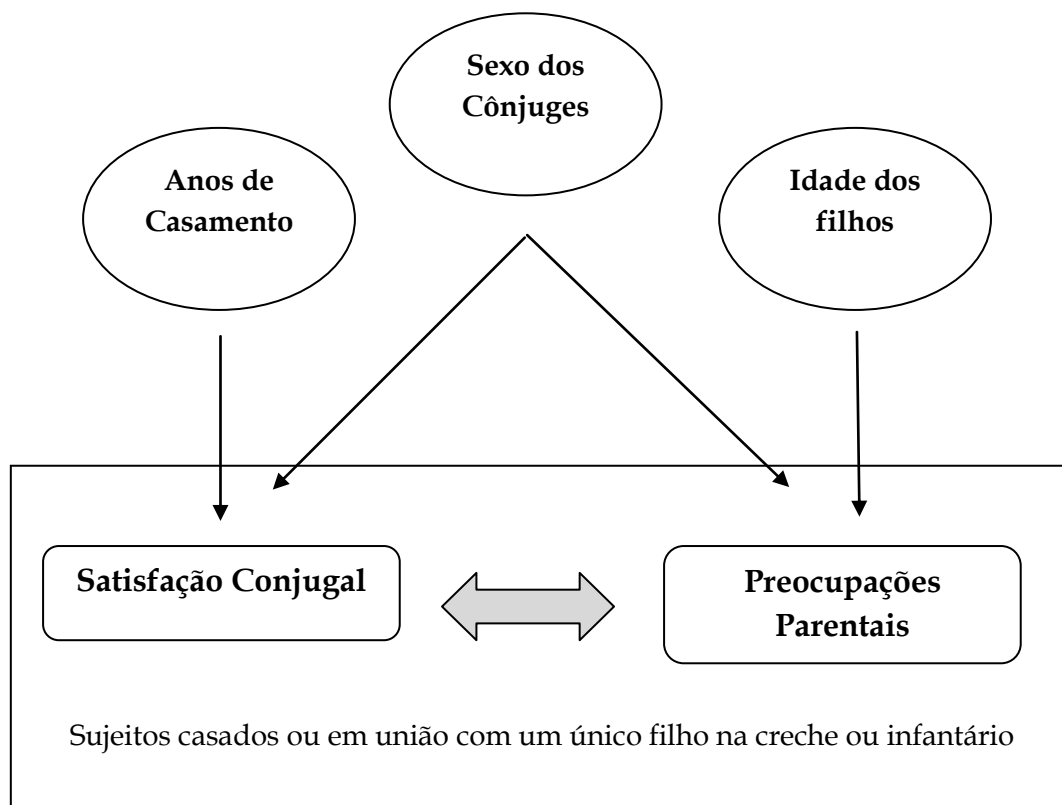


Figura n.º1 - Representação gráfica do mapa conceptual

Esta **investigação pretende estudar uma amostra** da população portuguesa de sujeitos casados (com duração igual ou superior a dois anos) e com um único filho, com uma idade compreendida entre 1 e os 5 anos de idade a frequentar a educação pré-escolar. Os sujeitos da amostra são pais com filhos a frequentar o

Centro Social de Alfarelos, que possui as valências de Creche e Jardim-de-Infância, do Concelho de Soure. A selecção da amostra foi realizada a partir de uma amostragem por conveniência.

Todos os participantes foram voluntários, tendo-lhes sido explicado previamente os objectivos do estudo e garantida a confidencialidade.

A **caracterização da amostra** torna-se um factor essencial para o estudo, pois a contextualização dos dados vai permitir uma melhor compreensão, como tal, procederemos à descrição das principais características sociodemográficas dos indivíduos que colaboraram na presente investigação.

A amostra é constituída por 42 participantes, dos quais 21 são homens e 21 mulheres. A idade dos participantes está compreendida entre os 25 e os 44 anos de idade, com uma média de idades de 32,57. Se considerarmos as idades dos participantes agrupadas por faixas etárias, verifica-se que a maior parte dos sujeitos tem entre 30 a 34 anos (n=17), seguidos dos sujeitos entre os 25 e os 29 anos (n=13). Quanto à zona de residência, 47,6% dos sujeitos que constituem a amostra (n=20) residem no Concelho de Montemor-o-Velho, 47,6% no Concelho de Soure e 4,8% residem no concelho de Coimbra (n=2). Relativamente ao nível de escolaridade, 40,5% dos sujeitos que compõem a amostra, possuem habilitações ao nível do ensino superior (n=17), seguidos por 28,5% que possuem o 12º ano de escolaridade (n=12), e 30% da amostra apresentam uma escolaridade entre o 6º e o 9º ano (n=13) tal como está representado no Quadro n.º2.

Quadro n.º2 - Características sociodemográficas dos participantes no estudo

Sexo	n	%
Masculino	21	50%
Feminino	21	50%
Total	42	100%
Habilitações Literárias		
Licenciatura	17	40,5%
12º ano	12	28,5%
6º ao 9º ano	13	31,0%
Total	42	100%
Concelho		
Montemor-o-Velho	20	47,6%
Soure	20	47,6%
Coimbra	2	4,8%
Total	42	100%

Idades	Masculino	Feminino	n	Média	Desvio Padrão (DP)
[25-29]	5	8	13	32,57	5,061
[30-34]	8	9	17		
[35-39]	6	2	8		
[40-44]	2	2	4		
Total	21	21	42		

Tal como já foi referido anteriormente, independentemente do estado civil dos indivíduos, uma das condições necessárias para a resposta ao protocolo de investigação era que os indivíduos teriam de partilhar um projecto de vida comum (ou seja, ser casados ou viver em união de facto). No que diz respeito ao estado civil dos participantes, verificou-se que todos os sujeitos da amostra eram casados. Deste modo referimo-nos de seguida aos “anos de casamento” como uma variável a estudar. Contudo, é de sublinhar que o casamento não era um pressuposto no nosso estudo, incluindo outras formas de conjugalidade.

Ao analisar o tempo de casamento dos indivíduos da amostra concluiu-se que a média da duração do casamento é de 7,60 anos. 54,3 % (n=23) têm um casamento com uma duração compreendida entre os 5 e os 9 anos, 30,9% (n=13) têm um casamento com uma duração superior a 9 anos, e 14,3% dos sujeitos (n=6) têm um casamento com uma duração inferior a 5 anos.

Quadro n.º3 - Anos de casamento segundo o sexo

Número de anos de casados	Masculino	Feminino	n	%	Mínimo	Máximo	Média	Média Total	Desvio Padrão (DP)
<5	3	3	6	14,3	2	4	3,92		
[5-9[11	12	23	54,8	5	8	7,11	7,60	4,138
>9	7	6	13	30,9	9	21	13,30		

A amostra (Quadro n.º4) dos filhos é constituída por 42 sujeitos, de idades compreendidas entre 1 e os 5 anos (\bar{x} =4,02; DP=1,220), sendo 23 filhos do sexo masculino (54,76%) e 19 do sexo feminino (45,24%).

Quadro n.º4 - Idade e sexo dos filhos

Características	Masculino	Feminino	n	%	Média	Desvio Padrão (DP)
Idade do Filho						
1 ano	2	0	2	4,8%		
2 anos	0	2	2	4,8%		
3 anos	6	6	12	28,6%	4,02	1,220
4 anos	1	2	3	7,1%		
5 anos	14	9	23	54,8%		
Total	23	19	42	100%		
Sexo do filho						
Masculino			23	54,76%		
Feminino			19	45,24%		
Total			42	100%		

O **protocolo de investigação** deste estudo era composto por uma página inicial onde eram explicados os objectivos do estudo, qual o tratamento a que os dados iriam ser submetidos e onde era garantida a confidencialidade da informação recolhida.

Seguiam-se os seguintes instrumentos utilizados (Anexo 1): Caracterização Sociodemográfica; *Escala de Avaliação da satisfação em áreas da vida Conjugal* (EASAVC) (Narciso & Costa, 1996); *Escala de Preocupações Parentais* (EPP) (Algarvio, Leal, & Maroco, *in press*).

A **Escala de Avaliação da Satisfação em Áreas da Vida Conjugal** (EASAVC) criada em 1996 por Narciso e Costa, é composta por 44 itens, nos quais os sujeitos avaliam a sua satisfação relativamente a duas dimensões da conjugalidade: Funcionamento Conjugal e Amor. Dentro destes domínios, o instrumento permite, ainda distinguir cinco áreas do Funcionamento Conjugal (funções familiares, tempos livres, autonomia, relações extra-familiares e comunicação e conflitos) e cinco áreas da dimensão Amor (sentimentos e expressão de sentimentos, sexualidade, intimidade emocional, continuidade e características físicas e psicológicas) (Anexo 2) (Narciso & Costa, 1996).

A resposta a este instrumento faz-se numa escala do tipo *Likert*, com os pontos 1 (Nada Satisfeito), 2 (Pouco Satisfeito), 3 (Razoavelmente Satisfeito), 4 (Satisfeito), 5 (Muito Satisfeito) e 6 (Completamente Satisfeito). No que diz respeito às características psicométricas deste instrumento, esta escala encontra-se aferida para a população portuguesa num total de 219 aplicações, englobando ambos os sexos. Aquando da sua criação, a análise factorial revelou a existência de dois factores principais, um relativo ao amor e, o outro, relativo à funcionalidade da relação conjugal. As correlações entre cada item e o factor em que está incluído é sempre superior a 0,52 e os *Coeficientes Alfa* encontrados para cada factor são maiores que 0,90 o que nos leva a concluir que este instrumento possui uma elevada consistência interna (Narciso, 2002).

Na avaliação da fidedignidade, foi **avaliada** a consistência interna da escala e das sub-escalas. A maioria dos valores é superior a 0,90, com excepção das sub-escalas Funções, Tempos Livres e Relações extra-familiares, encontrando-se em valores aproximados deste. Os valores do coeficiente *Alfa de Cronbach* para cada um dos factores, Amor ($\alpha=0,925$) e Funcionamento ($\alpha=0,877$), bem como para o *Alfa de Cronbach* Total da Escala ($\alpha=0,901$) são muito aproximados dos valores obtidos para o estudo de adaptação para a população portuguesa ($\alpha=0,97$; $\alpha=0,90$; $\alpha=0,935$) (Narciso & Costa, 1996).

Quadro n.º5 - Avaliação da fidedignidade da EASAVC

Avaliação da fidedignidade da EASAVC	
n.º de itens	44 (n=42)
Coeficiente Alfa de Cronbach (α)	0,901
Guttman Split-half	0,919
Correlation between forms (Correlação entre a 1ª e a 2ª metade)	0,889
Equal-length Spearman-Brown (metade-metade)	0,941

*A influência das preocupações parentais
na satisfação conjugal em pais de crianças em idade pré-escolar*

Unequal-length Spearman-Brown	0,941
Alfa Parte 1 (26)	0,874
Alfa Parte 2 (18)	0,926

Sub-Escalas	n. itens	Média	Desvio Padrão (DP)	Variância	Alpha Cronbach (α)	Alfa Cronbach Total (α)
Sentimentos e Expressão de sentimentos (SES)	6	30,14	4,551	20,711	0,930	0,925
Sexualidade (S)	6	29,88	4,676	21,864	0,911	
Intimidade Emocional (IE)	7	33,12	6,685	44,693	0,952	
Continuidade da Relação (CR)	3	14,86	2,807	7,882	0,939	
Características físicas e psicológicas (CFP)	4	19,05	3,044	9,266	0,900	0,877
Funções (F)	4	18,05	3,735	13,949	0,874	
Tempos Livres (TL)	2	7,55	2,015	4,059	0,790	
Autonomia/Privacidade (AP)	2	8,79	1,945	3,782	0,942	
Comunicação e Conflitos (C)	5	22,86	5,271	27,784	0,945	
Relações extra- familiares (REF)	5	22,33	4,040	16,325	0,835	

A **Escala de Preocupações Parentais (EPP)** traduzida por Algarvio, Leal, e Maroco (*in press*), é composta por 24 itens e apresenta uma subdivisão em cinco sub-escalas (Anexo 2). A resposta a este instrumento faz-se numa escala do tipo *Likert*, com os pontos 1 (Preocupo-me muitíssimo), 2 (Bastante), 3 (Razoavelmente), 4 (Pouco) e 5 (Nada).

Esta escala encontra-se aferida para a população portuguesa num total de 302 aplicações a pais de crianças com idades compreendidas entre os 0 e os 12 anos. Os cinco factores encontrados da análise factorial exploratória permitiram a criação das cinco sub-escalas: Problemas Familiares e Preocupações Escolares, com uma validade de 0,87 segundo o *Alfa de Cronbach*; Desenvolvimento Infantil ($\alpha=0,85$); Preparação ($\alpha=0,75$); Medos ($\alpha=0,84$) e Comportamentos Negativos ($\alpha=0,86$). A validade factorial da escala, na amostra de validação foi avaliada através de uma análise factorial confirmatória, no qual os valores revelaram uma validade boa para as cinco sub-escalas (Algarvio, Leal, & Maroco, *in press*).

Na **avaliação da fidedignidade**, foi **avaliada** a consistência interna da escala através do *Alfa de Cronbach*. Todos os valores de correlação das diferentes dimensões encontram-se entre 0,757 e 0,857, valores próximos dos encontrados no estudo de (2008), já que variavam entre 0,75 e 0,84, permitindo-nos afirmar a homogeneidade dos itens de acordo com o critério referido pelos autores (Algarvio, Leal, & Maroco,

in press). Tal como o valor para o *Alfa de Cronbach* Total da Escala ($\alpha=0,948$) que é muito aproximado do valor obtido para o estudo de adaptação para a população portuguesa ($\alpha=0,93$).

Quadro n.º 6 - Avaliação da fidedignidade da EPP

Avaliação da fidedignidade da EPP					
n.º de itens					24 (n=42)
Coeficiente Alfa de Cronbach (α)					0,948
Guttman Split-half					0,783
Correlation between forms (Correlação entre a 1ª e a 2ª metade)					0,644
Equal-length Spearman-Brown (metade-metade)					0,784
Unequal-length Spearman-Brown					0,789
Alfa Parte 1 (15)					-0,045
Alfa Parte 2 (9)					0,835
Dimensão	n.º itens	Média	Desvio Padrão (DP)	Variância	Alpha Cronbach(α)
Problemas Familiares e Preocupações Escolares (PFPE)	6	2,13	0,864	0,753	0,757
Desenvolvimento Infantil (DI)	6	2,48	0,910	0,789	0,795
Preparação (P)	3	2,81	1,000	1,017	0,768
Medos (M)	3	2,66	0,928	0,863	0,839
Comportamentos Negativos (CN)	6	2,71	0,946	0,901	0,857

A **recolha de dados** ocorreu durante os meses de Fevereiro de 2010 e Abril de 2010 e foi realizada por pais de filhos que frequentam a Creche e o Jardim-de-Infância do Centro Social de Alfarelos, do distrito de Coimbra.

Esta recolha foi realizada através da administração dos questionários e de uma ficha de caracterização demográfica. A acompanhar os instrumentos seguia ainda uma carta a explicar as razões deste estudo bem como garantir a confidencialidade e anonimato das respostas. Aos sujeitos foi-lhes explicado, de forma sucinta, os objectivos do estudo que estava a ser realizado, e para o qual se solicitava a sua colaboração, enfatizando-se a confidencialidade e a participação voluntária.

Não foi dado tempo limite para o preenchimento dos questionários. Apenas se solicitou que respondessem aos questionários de uma vez só, e que dessem resposta a todas as questões. Para o caso de surgir algumas dúvidas durante a resposta, foi fornecido o contacto telefónico da investigadora. Era, ainda, recomendado aos sujeitos, sendo os dois membros do casal, que preenchessem o protocolo de investigação em espaços separados, para que não fosse possível qualquer tipo de comunicação entre os sujeitos.

RESULTADOS

Após a recolha de dados, procedeu-se à análise estatística dos mesmos, com recurso ao programa informático *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS, versão 13.0).

Esta análise teve início com a decisão do uso de testes paramétricos ou não paramétricos para a comparação de médias. Para tal, foi testada a normalidade das respostas nos dois instrumentos em estudo (EASAVC e EPP), tanto na amostra geral, assim como nas várias sub-amostras (sexo, anos de casados e idade dos filhos). Para este estudo utilizou-se o teste de *Shapiro-Wilk*, porque a nossa amostra é inferior a 50 (Myers & Well, 2003, p. 185). Tal é possível verificar no Anexo 3, onde o estudo da normalidade é descrito mais detalhadamente e onde são apresentados os resultados obtidos.

Recapitulamos, então, as questões de investigação colocadas anteriormente, explicando, para cada uma delas, os procedimentos de análise estatística realizados e os resultados obtidos, sendo que, neste capítulo, apenas mencionaremos os valores relativos aos resultados directamente relacionados com as questões colocadas. A totalidade dos valores obtidos é apresentada no Anexo 4.

Questão 1: Existem diferenças de sexo relativamente às áreas da vida conjugal?

Para responder a esta questão foram analisadas as respostas dos indivíduos ao questionário EASAVC, tendo sido utilizado o teste *t-student*, uma vez que as respostas dos indivíduos a estes questionários seguem uma distribuição normal em ambos os sexos.

Quadro n.º7 - Resultado do *Test t* para a EASAVC segundo o sexo

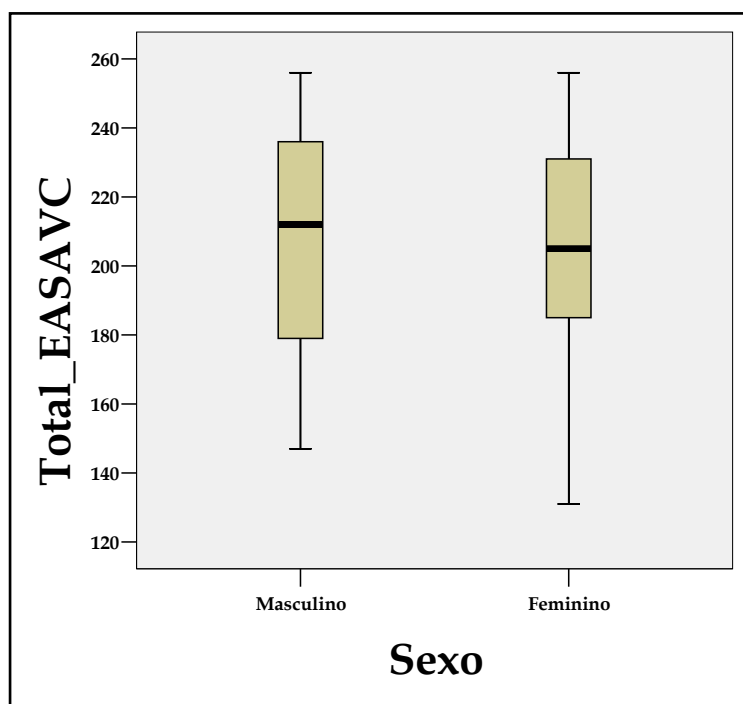
<i>t-test para amostras independentes</i>						
Sub-Escalas	Sexo	t	Df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	Std. Error Difference
Sentimentos e Expressão (SES)	Masculino	-0,067	40	0,947	-0,095	1,422
	Feminino		39,792			
Sexualidade (S)	Masculino	0,033	40	0,974	0,048	1,461
	Feminino		39,612			
Intimidade Emocional (IE)	Masculino	-0,160	40	0,874	-0,333	2,088
	Feminino		39,986			
Continuidade da Relação (CR)	Masculino	0,326	40	0,746	0,286	0,876
	Feminino		37,089			
Caract. Físicas e Psicológicas (CFP)	Masculino	-0,502	40	0,618	-0,476	0,948
	Feminino		39,110			
Funções (F)	Masculino	1,248	40	0,219	1,429	1,145
	Feminino		38,331	0,220		
Tempos Livres (TL)	Masculino	0,076	40	0,940	0,048	0,629
	Feminino		39,790			
Autonomia/Priv	Masculino	-1,032	40	0,308	-0,619	0,600

*A influência das preocupações parentais
na satisfação conjugal em pais de crianças em idade pré-escolar*

acidade (AP)	Feminino		39,349			
Comunicação e Conflito (CC)	Masculino		40			
	Feminino	0,231	39,995	0,818	0,381	1,646
Relações extra-familiares (REF)	Masculino		40			
	Feminino	0,151	37,970	0,881	0,190	1,262
Total EASAVC	Masculino		40			
	Feminino	0,081	39,942	0,936	0,857	10,590

Através dos resultados obtidos podemos dizer que não existem diferenças significativas entre homens e mulheres relativamente às áreas da vida conjugal. Para uma melhor visualização da não existência de diferenças significativas, podemos ver no Anexo 4, os resultados das medidas de tendência central da variável segundo os sexos.

Gráfico n.º2 – Caixa de bigodes para o *Total_EASAVC* segundo o *Sexo*



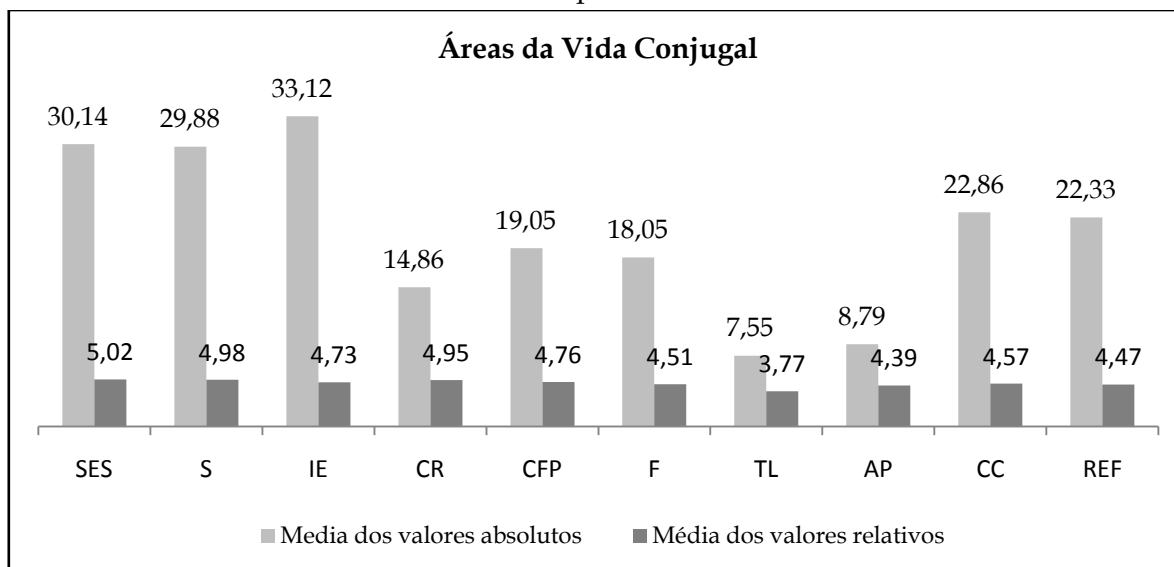
O Gráfico n.º2 relativo às áreas da vida conjugal, indica que a dispersão dos resultados para o sexo masculino é semelhante ao do sexo feminino. A satisfação conjugal varia entre 147 (mínimo) e 256 (máximo) no sexo masculino, enquanto no sexo feminino tal acontece entre 131 (mínimo) e 256 (máximo). As medidas de tendência central são também semelhantes quer nos homens (\bar{x} = 207,05 e DP = 33,65) quer

nas mulheres (\bar{x} = 206,19 e DP = 34,96).

Questão2: Que áreas da vida conjugal mais contribuem para a satisfação conjugal?

Para responder a esta questão de investigação, recorreu-se à amostra global com todos os indivíduos (n=42), de forma a poder comparar-se quais as áreas que mais contribuem para a satisfação conjugal.

Gráfico n.º3 – Médias das respostas às dimensões da EASAVC



Legenda: Sentimentos e Expressão de Sentimentos (SES); Sexualidade (S); Intimidade Emocional (IE); Continuidade da Relação (CR); Características Físicas e Psicológicas (CFP); Funções (F); Tempos Livres (TL); Autonomia/Privacidade (AP); Comunicação e Conflito (CC); Relações extra-familiares (REF).

Considerando as médias relativas obtidas para cada uma das sub-escalas, o Funcionamento Conjugal e o Amor, e a sua respectiva comparação, é possível concluir que à sub-escala Amor é atribuído uma maior importância por parte dos inquiridos, mas não muito significativa. Assim, a SES é a área que mais contribui para a satisfação conjugal ($\bar{x}=5,02$; $DP=0,758$). Tendo sido também observado a importância das áreas CR ($\bar{x}=4,95$; $DP=0,936$) e a S ($\bar{x}=4,98$; $DP=0,779$) como factores igualmente importantes.

Relativamente à sub-escala Funcionamento Conjugal, esta apresenta uma importância menos significativa para os inquiridos, nomeadamente as áreas TL ($\bar{x}=3,77$; $DP=1,007$) e AP ($\bar{x}=4,39$; $DP=0,972$).

Quadro n.º8 – Matriz de Correlação entre as dimensões da EASAVC

	SES	S	IE	CR	CFP	F	TL	AP	CC	REF	Total EASAVC
SES	1,0										
S	0,811	1,0									
IE	0,853	0,771	1,0								
CR	0,866	0,740	0,833	1,0							
CFP	0,820	0,756	0,806	0,783	1,0						
F	0,693	0,576	0,685	0,761	0,688	1,0					
TL	0,513	0,439	0,658	0,570	0,445	0,366	1,0				
	0,001	0,004	0,000	0,000	0,003	0,017					

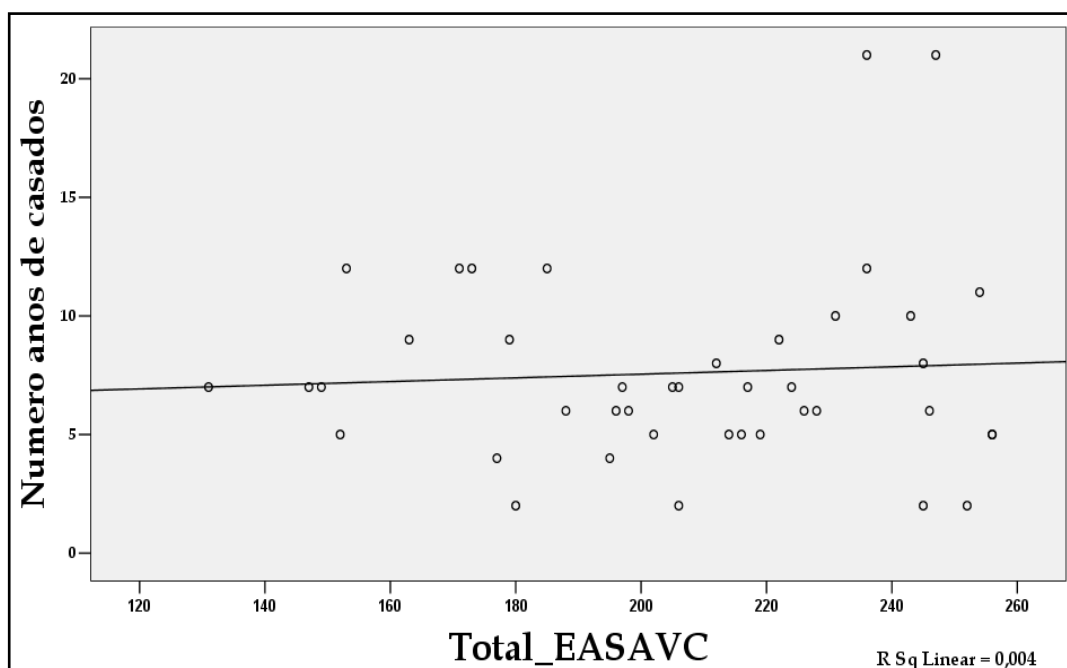
AP	0,695	0,571	0,696	0,611	0,587	0,623	0,435	1,0			
	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,004				
CC	0,896	0,741	0,853	0,831	0,738	0,731	0,658	0,756	1,0		
	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000			
REF	0,771	0,723	0,738	0,783	0,633	0,684	0,633	0,658	0,833	1,0	
	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000		
Total	0,938	0,852	0,935	0,911	0,854	0,795	0,649	0,761	0,943	0,870	1,0
EASAVC	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	

Através do Quadro n.º 8, podemos constatar que a maioria das correlações apresentam uma correlação forte positiva ($0.8 \leq r < 1$), principalmente entre as dimensões Sentimentos e Expressão de sentimentos (SES) e Comunicação e Conflitos (CC) ($r=0,896$, $p=0,000$). Relativamente à correlação menos elevada, podemos verificar a associação entre a dimensão Tempos Livres (TL) e a dimensão Funções (F) ($r=0,366$, $p=0,000$) que apresenta uma correlação fraca positiva. Todas as correlações apresentam um nível de significância $<0,017$, sendo na sua maioria de 0,000.

Questão 3: A satisfação conjugal varia em função dos anos de casamento?

Para tentar averiguar se o factor tempo tem influência na satisfação conjugal, testou-se o efeito da variável *Número de Anos de Casamento*, factor que à partida reflecte a noção de tempo da relação. Para tal, recorreu-se à correlação entre o *Total_EASAVC* e o *Número de Anos de Casamento*, através da *Correlação de Pearson*, uma vez que estes questionários seguem uma distribuição normal.

Gráfico n.º 4 - Diagrama de dispersão entre a variável *Número de Anos de Casamento* e o *Total_EASAVC*



Através do gráfico apresentado, é possível constatar que a dispersão entre os resultados para os diferentes sujeitos não revela uma influência ao nível da satisfação conjugal. O valor da *Correlação de Pearson* demonstra que existe uma correlação ínfima positiva entre estas duas variáveis ($r=-0,064$; $p=0,688$), relação essa que não é estatisticamente significativa ($>0,05$). Assim, concluímos que não há evidência estatística de que os anos de casamento possam influenciar a satisfação conjugal na nossa amostra.

Questão 4: Existem diferenças de sexo na percepção das preocupações parentais?

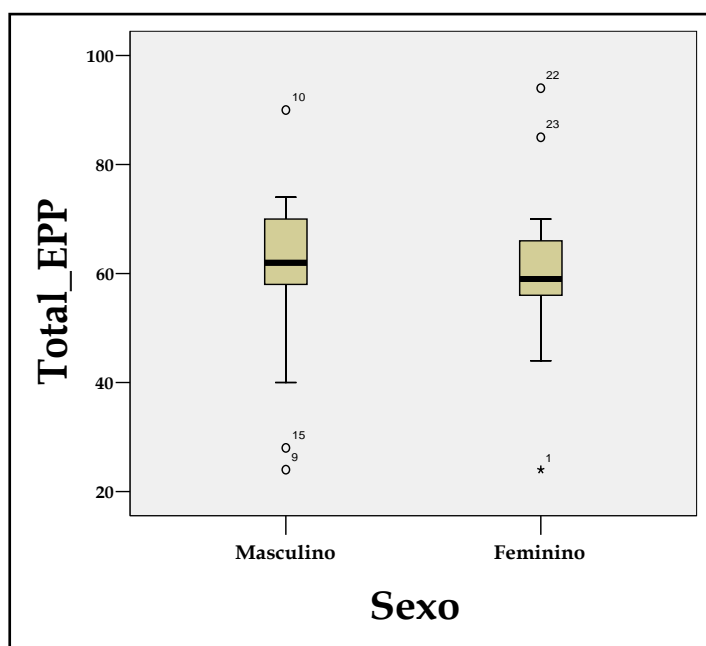
De modo a verificar se o sexo dos pais participantes faz variar os resultados da preocupação parental, recorreu-se ao teste estatístico *t-student*, uma vez que as respostas dos indivíduos a estes questionários seguem uma distribuição normal.

Quadro n.º9 - Resultado do *Test t* para EPP segundo o sexo

<i>t-test para amostras independentes</i>						
Sub-Escalas	Sexo	t	Df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	Std. Error Difference
Problemas Familiares e Preocupações escolares (PFPE)	Masculino		40			
	Feminino	0,263	39,971	0,794	0,429	1,630
Desenvolvimento Infantil (DI)	Masculino	0,039	40	0,969	0,048	1,210
	Feminino		39,943			
Preparação (P)	Masculino	0,244	40	0,808	0,190	0,781
	Feminino		39,437			
Medos (M)	Masculino	-0,189	40	0,851	-0,143	0,757
	Feminino		39,942			
Comportamentos Negativos (CN)	Masculino	0,386	40	0,702	0,524	1,357
	Feminino		39,864			

Através dos resultados obtidos podemos dizer que não existem diferenças significativas entre homens e mulheres relativamente às áreas de preocupação parental.

Gráfico n.º5 – Caixa de bigodes para o *Total_EPP* segundo o *Sexo*



O Gráfico n.º5 relativo à percepção das preocupações parentais, indica que a dispersão dos resultados para o sexo masculino é semelhante ao do sexo feminino. As preocupações parentais variam entre 24 (mínimo) e 90 (máximo) no sexo masculino, enquanto no sexo feminino tal acontece entre 24 (mínimo) e 94 (máximo). As medidas de tendência central são também semelhantes quer nos

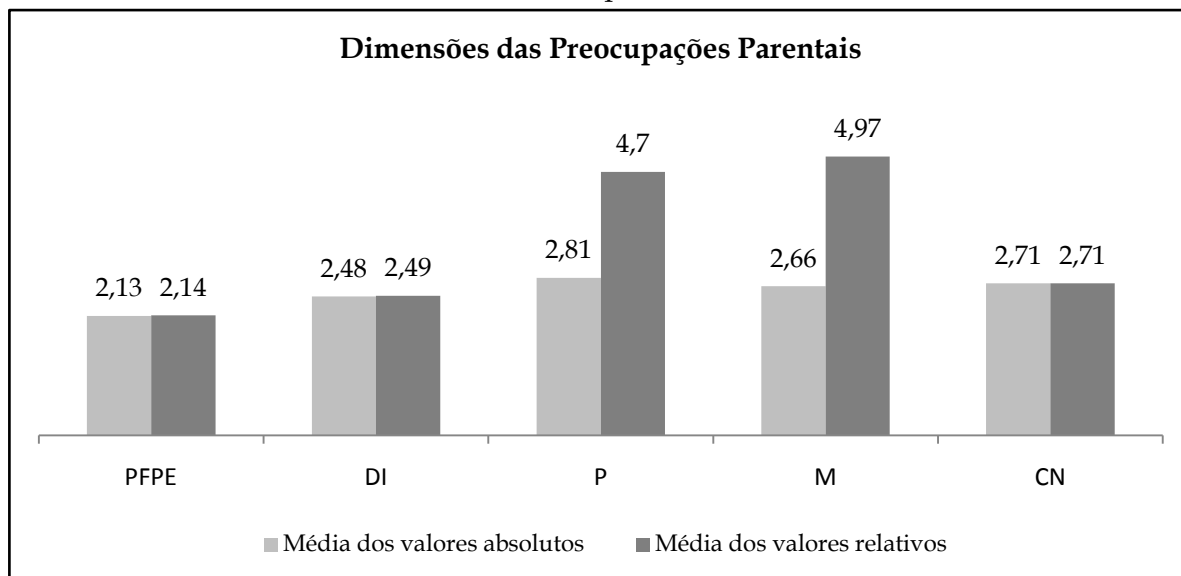
homens (\bar{x} =60,76 e DP=15,85) quer nas mulheres (\bar{x} =60,10 e DP=14,58). Também se registam seis *outliers*, isto é, há 5 sujeitos com observações extremadas moderadas, marcadas com um círculo no gráfico e 1 com uma observação aberrante severa, marcada com um asterisco.

Questão 5: Quais as áreas que representam maior nível de preocupação parental?

Para responder a esta questão de investigação, recorreu-se à amostra global com todos os indivíduos (n=42), de forma a poder comparar-se quais as áreas que mais contribuem para a preocupação parental.

Primeiramente, é necessário salientar que a Escala de Preocupações Parentais é apresentada num formato de escala de *Likert* com 5 possibilidades de resposta: 1(Preocupo-me muitíssimo), 2 (Bastante), 3 (Razoavelmente), 4 (Pouco) e 5 (Nada). Assim, é necessário ter em atenção que a dimensão que possuir a média mais baixa, é a área que mais contribui para a preocupação parental, dado que o valor 1 no questionário corresponde a “preocupo-me muitíssimo”.

Gráfico n.º6 - Médias das respostas às dimensões da EPP



Legenda: Preocupações Familiares e Preocupações Escolares (PFPE); Desenvolvimento Infantil (DI); Preparação (P); Medos (M); Comportamentos Negativos (CN).

Considerando as médias obtidas para cada uma das dimensões, e a sua respectiva comparação, é possível concluir através do Gráfico n.º6, que a dimensão PFPE é a área que mais contribui para a preocupação parental (\bar{x} = 2,14; DP=0,583). Tendo sido também observado a importância das dimensões CN (\bar{x} = 2,71; DP=0,725) DI (\bar{x} = 2,49; DP=0,645) como factores igualmente preocupantes.

Relativamente às dimensões P (\bar{x} = 4,7; DP=0,829) e M (\bar{x} = 4,97; DP=0,809), são as áreas de menor preocupação parental.

Quadro n.º10 - Matriz de Correlação entre as dimensões da EPP

	DI	P	M	CN	PFPE	Total_ EPP
DI	1,0					
P	0,739	1,0				
M	0,813	0,774	1,0			
CN	0,028	0,000	0,842	1,0		
PFPE	0,860	0,785	0,000	0,000	1,0	
Total_ EPP	0,067	0,000	0,000	-0,127	0,423	1,0
	-0,171	0,943	0,869	0,912	0,925	0,000
	0,150	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000

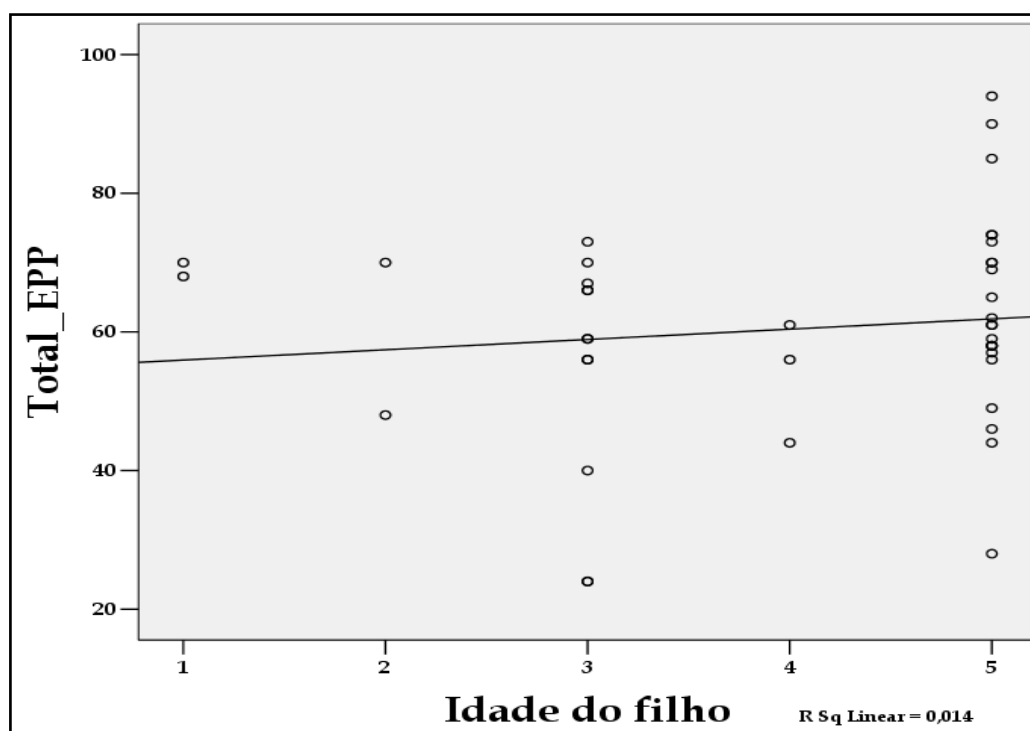
Através do Quadro n.º 10, podemos constatar que a maioria das correlações apresentam uma correlação moderada positiva ($0.5 \leq r < 0.8$), principalmente entre as

dimensões Preparação (P) e Medos (M) ($r=0,774$; $p=0,000$) e Preparação (P) e Desenvolvimento Infantil (DI) ($r=0,739$; $p=0,280$). No entanto, as correlações entre as dimensões Comportamentos Negativos (CN) e Desenvolvimento Infantil (DI) ($r=0,860$; $p=0,067$) e Comportamentos Negativos (CN) e Medos (M) ($r=0,842$; $p=0,000$), apresentam uma correlação forte positiva ($0.8 \leq r < 1$). Relativamente às correlações menos elevadas, podemos verificar a associação entre a dimensão Problemas Familiares e Preocupações Escolares (PFPE) com as dimensões: Comportamentos Negativos (CN) ($r=-0,127$; $p=0,000$), Preparação (P) ($r=-0,338$; $p=0,000$) e Medos (M) ($r=-0,285$; $p=0,000$) que apresentam uma correlação fraca negativa ($-0.5 < r \leq -0.1$), mas com um nível de significância de $p=0,000$.

Questão 6: A preocupação parental varia com a idade dos filhos?

De modo a compreendermos se a idade dos filhos tem influência nas preocupações parentais, recorreu-se à correlação entre o *Total_EPP* e a *Idade do filho*, através da *Correlação de Pearson*, uma vez que estes questionários seguem uma distribuição normal.

Gráfico n.º7 - Diagrama de dispersão entre a variável *Idade do filho* e o *Total_EPP*



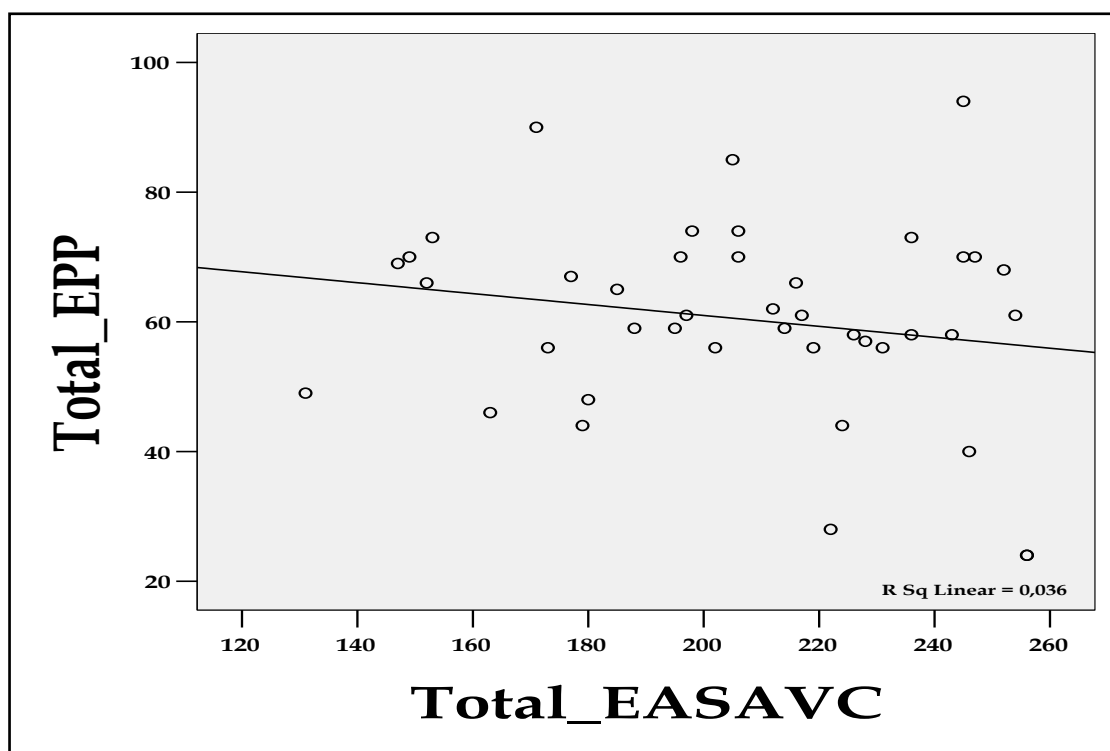
Através do gráfico apresentado, foi possível constatar que a dispersão entre os resultados para os diferentes sujeitos não revela uma influência ao nível da preocupação parental. O valor da *Correlação de Pearson* demonstra que não existe

uma correlação muito forte entre estas duas variáveis ($r=0,120$; $p=0,447$), ou seja pressupõe uma correlação fraca positiva ($0.1 \leq r < 0.5$), relação essa que não é estatisticamente significativa ($p=0,447 > 0,05$). Assim, concluímos que não há evidência estatística de que a idade do filho possa influenciar as preocupações parentais.

Questão 7: As Preocupações Parentais influenciam a Relação Conjugal?

De modo a correlacionar estas duas variáveis, fez-se uma análise da correlação entre a variável *Total_EASAVC* e a variável *Total_EPP*, e também para cada uma das dimensões das escalas (Anexo 5). Uma vez que ambas as variáveis, *Total_EPP* e *Total_EASAVC* seguem uma distribuição normal, recorreu-se à *Correlação de Pearson*.

Gráfico n.º8 - Diagrama de dispersão entre a variável *Total_EASAVC* e *Total_EPP*



Através do gráfico apresentado, os resultados apontam para que as preocupações parentais não influenciam a satisfação conjugal ($r=-0,190$; $p=0,229$). Contudo, é importante referir que a Escala de Preocupações Parentais é apresentada num formato de escala de *Likert* com 5 possibilidades de resposta: 1 (Preocupo-me muitíssimo), 2 (Bastante), 3 (Razoavelmente), 4 (Pouco) e 5 (Nada). Assim, é necessário ter em atenção que quanto menor for o valor, maior é a preocupação

parental. Verificou-se, que existe uma correlação fraca negativa ($-0.5 \leq r < -0.1$), entre estas duas variáveis ($r = -0,190$; $p = 0,229$), relação essa que não é estatisticamente significativa ($> 0,05$). É necessário ter em consideração que neste caso, o sinal da correlação depende apenas da nossa codificação feita. Por isso, não se deve interpretar o sinal do coeficiente de *R de Pearson*. Então podemos considerar que as preocupações parentais vão influenciar a satisfação conjugal.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os **resultados** obtidos permitem, de um modo geral, reflectir sobre as questões de investigação levantadas e desta forma responder à pergunta central colocada inicialmente “Em que medida as preocupações parentais influenciam a relação conjugal?”. Neste sentido, no decorrer da discussão iremos analisar os resultados encontrados na amostra recolhida e perceber a variação entre as variáveis e a sua relação.

Criar e educar uma criança é provavelmente o maior desafio que um pai e uma mãe têm de enfrentar. Nesta transição os três subsistemas familiares (marital, mãe-criança e pai-criança) são susceptíveis a influências mútuas (Cowan & Cowan, 1992; Feldman, 2000), onde cada membro da tríade contribui para a relação entre os outros dois.

Na conjugalidade, a interacção ocorre entre o homem/mulher, porém, quando entram na parentalidade, passa a ocorrer também a outro nível, ao de pai e de mãe. A relação do casal passa assim, para outro nível, o da parentalidade, onde se encontra o filho (Pereira, 2009). Como refere Andolfi (1996, p. 36) “a partir do momento em que uma pessoa vem ao mundo, simplesmente faz parte de uma rede de triângulos”, sendo que este triângulo passa a ser constituído pelos pais e pelo filho.

Inicialmente, houve a tentativa de perceber se existiam diferenças de género baseadas no indicador do sexo de pertença dos respondentes, equacionando-o como um factor determinante na percepção dos níveis de satisfação conjugal. Os resultados obtidos não indicaram que o sexo dos sujeitos participantes influenciasse os níveis de satisfação conjugal. Estes resultados vão assim em sentido contrário a um conjunto de estudos realizados por Hernandez e Oliveira (2003), que verificaram que os indivíduos tinham uma diferente percepção do casamento, pois consoante o sexo valorizavam mais uns componentes do amor e da satisfação em detrimento de outros. Uma outra razão para esta discordância é o facto de se ter utilizado um carácter global na sua avaliação. Ou seja, seriam de esperar diferenças entre homens e mulheres nalgumas dessas áreas, se fosse realizada uma análise por áreas da vida conjugal, ainda que, a nível global, tal não se verifique. Contudo, Torres (2002, cit. in Pereira, 2009, p. 53) refere que as lógicas estão a mudar, ou seja, os homens estão a ter um papel mais participativo quer na vida familiar, quer ao nível da parentalidade, “com formas de conjugalidade igualitárias”, o que eventualmente coloca mais horizontalidade na vida conjugal também.

No caso das áreas da vida conjugal que mais contribuem para a satisfação conjugal, constata-se que a sub-escala Amor é a que apresenta um maior resultado na sua globalidade. Principalmente nas áreas Sentimentos e Expressão de sentimentos (\bar{x} =5,02; DP=0,758), Continuidade da relação (\bar{x} =4,95; DP=0,936), e na

Sexualidade ($\bar{x}=4,98$; $DP=0,779$). Enquanto a de menor satisfação conjugal, refere-se à sub-escala Funcionamento, mais especificamente aos Tempos Livres ($\bar{x}=3,77$; $DP=1,007$) e Autonomia/Privacidade ($\bar{x}=4,39$; $DP=0,972$). Ao compararmos com os dados resultantes da investigação sobre a satisfação conjugal de Narciso e Costa (1996), podemos verificar que os resultados são muito semelhantes aos resultados da nossa investigação. Relativamente à correlação entre as áreas da vida conjugal, verificam-se boas correlações entre si, sendo que as dimensões Sentimentos e Expressão de sentimentos e Comunicação e Conflitos ($r=0,896$; $p=0,000$) manifestam a correlação mais elevada. Esta informação vai de encontro ao resultado obtido na investigação de Narciso e Costa (1996), visto também esta correlação ser uma das mais elevadas ($r=0,74$).

O factor tempo de conjugalidade foi um dos pontos a estudar. Deste modo, verificou-se se a satisfação conjugal se alterava com os anos de casamento. Contrariamente ao esperado, os resultados não indicaram que os anos de casamento influenciassem as variáveis em estudo. De facto, alguns estudos confirmam a existência de uma diminuição na satisfação conjugal ao longo do casamento, por exemplo o estudo de Kurdeck (1993, cit. in Narciso, 1994/95). Assim, deveria assistir-se a uma influência deste factor, pois tal significaria que ao longo do tempo do ciclo de vida o casal modifica significativamente os seus níveis de satisfação conjugal. Como Kaufmann (2006, cit. in Monteiro, 2005, p. 217) refere, a ideia de casamento tem nos dias de hoje uma ideia de parceria, de colaboração, igualdade e de autonomia individual, e são estas características que conferem satisfação e gratificação na relação conjugal. É necessário relembrar, que a variável em estudo, “anos de casamento” tem um intervalo de tempo relativamente curto, factor que influencia os resultados, já que a amplitude é baixa.

No caso das diferenças entre homens e mulheres, ao longo do tempo de casamento e relativamente à variável Satisfação Conjugal, observámos que não existem diferenças ao longo do tempo de casamento. Assim, tanto no caso dos homens como no das mulheres, estas diferenças não são notadas. Quer na fase inicial do casamento (entre os 0 e os 5 anos), quer nos períodos mais tardios da relação (a partir dos 9 anos de casamento), apresentando valores semelhantes na Satisfação Conjugal. Especulando, podemos referir que no período de tempo entre os 5 e os 14 anos de casamento, o casal encontra-se, muito focado na família, principalmente centrado nas questões parentais. Tal como foi referido no enquadramento teórico, o tempo na conjugalidade exerce, um papel importante nas semelhanças e diferenças entre os membros do casal. Alguns autores mencionam mesmo que, os membros do casal tendem a tornar-se mais semelhantes, ou seja, a convergir ao longo do tempo de relação, devido principalmente ao relacionamento entre as semelhanças na

personalidade, atitudes e valores dos membros do casal, com uma satisfação conjugal mais elevada (Lopes, 2008).

Na conjugalidade, a interacção verifica-se fundamentalmente ao nível da mulher/homem. Contudo, quando entram na parentalidade, a interacção passa também a operar a outro nível: o de pai e de mãe (Kellerhals, 1989, cit. in Pereira, 2009). Sistemicamente pode-se dizer que, com o nascimento do filho, criam-se dois novos subsistemas, o subsistema filial e o parental (Relvas, 1996; Alarcão, 2006). O subsistema parental, passa a ter como funções essenciais o apoio ao desenvolvimento e crescimento das crianças com vista à sua socialização e autonomia/individuação, o que implica que possua a capacidade tripla de nutrir, guiar e controlar. Nutrir fornecendo as condições materiais, físicas, psíquicas e sociais para o crescimento, mas também guiar e controlar, o que pressupõe impor limites, orientar, proibir, definir regras e exigir a sua aplicação (Pereira, 2009).

A relação conjugal passa assim, a coabitar com a parental. Como refere Pereira (2009, p. 62) “a parentalidade na conjugalidade é um espaço criador de dinâmicas, de realidades e de sentido, mas também geradora de tensões e constrangimentos particulares situada num lugar e contexto próprio”.

A transição para a parentalidade é uma das maiores mudanças que o sistema familiar pode sofrer. É o momento em que os cônjuges, que anteriormente eram apenas um casal, se tornam pais, e ocorre a formação de uma nova etapa do ciclo vital. Esta mudança é extremamente frágil e envolve um número ilimitado de factores, quer internos, quer externos ao sistema familiar. Este é um processo que ocorre quer em relação aos aspectos conjugais e a sua satisfação, como em relação às novas funções/papéis parentais a exercer. Foi então a partir deste contexto, que delineámos o presente estudo, tendo como objectivo fulcral, analisar e compreender, como as preocupações parentais vão percepcionar a satisfação conjugal. Vários estudos referem que desde o nascimento do bebé, tanto a mulher como o homem, se centram para as suas “novas” funções/papéis de pais. Desta forma, a parentalidade passa a coexistir com a conjugalidade, permitindo que o desenvolvimento individual de todos os membros do sistema familiar se possa desenvolver adequadamente, e possa responder correctamente à transição inerente desta etapa.

A conjugalidade, na transição para a parentalidade, poderá estar sujeita ao efeito do género, masculino ou feminino. Este efeito pode instalar-se de forma constante e surgir como um espaço adequado às assimetrias do sexo, ou seja, é uma construção social que assenta em diferenças de sexo marcadamente desiguais, sendo atribuídos papéis distintos, consoante a pertença ao “núcleo” feminino ou masculino (Amâncio, 1994, cit. in Pereira, 2009, p. 50). Assim, houve a necessidade de perceber se existiam diferenças de sexo nas preocupações parentais. No entanto, os resultados

obtidos não indicaram diferenças entre o sexo para as preocupações parentais. Segundo Pereira (2009), a diferenciação de papéis é muitas vezes potenciada, no facto de caber à mulher os cuidados de alimentação, higiene, enquanto aos homens cabe o papel dos momentos lúdicos. No entanto, actualmente, a relação familiar tem modificado qualitativamente o significado do ser “pai”, onde a diferenciação de papéis tende a ser mais dissipado. Promovendo assim, uma parentalidade partilhada pelo pai e pela mãe.

Ainda nesta questão, é necessário referir que actualmente, a participação masculina é cada vez mais relevante em tarefas relacionadas com os filhos (especialmente o levar e ir buscar à escola, brincar com a criança, dar banho). Segundo Monteiro (2005), parece existir uma maior disponibilidade por parte do pai do sexo masculino para participar em alguns cuidados dos filhos, assumindo assim, uma paternidade mais expressiva, logo mais “preocupada”. A preocupação dos pais em relação aos filhos, manifesta-se, principalmente, através de uma queixa ou inquietação por parte da criança, a qual pode ser mais ou menos intensa consoante a forma como é vivenciada (Cramer, 1989, cit. in Serra & Algarvio, 2006).

Relativamente às áreas de preocupação parental, a área que mais preocupação remete aos pais é a dimensão Problemas Familiares e Preocupações Escolares (\bar{x} = 2,14; DP = 0,583). Tendo sido também observado a importância da dimensão de Desenvolvimento Infantil (\bar{x} = 2,49; DP = 0,645) e Comportamentos Negativos (\bar{x} = 2,71; DP = 0,725) como factores igualmente preocupantes. Relativamente às áreas de menor preocupação parental, encontram-se as dimensões Preparação (\bar{x} = 4,7; DP = 0,829) e Medos (\bar{x} = 4,97; DP = 0,809). Ao compararmos com os dados resultantes da investigação sobre as Preocupações Parentais de Algarvio, Leal, e Maroco (*in press*), podemos verificar que os resultados são semelhantes aos resultados da nossa investigação: Problemas Familiares e Preocupações Escolares (\bar{x} = 2,24; DP = 0,977) e Desenvolvimento Infantil (\bar{x} = 2,63; DP = 0,929) referentes às áreas de maior preocupação parental. Neste contexto, é essencial sublinhar novamente que a Escala de Preocupações Parentais é apresentada num formato de escala, cujos resultados mais elevados revelam menor preocupação e vice-versa. Assim, foi necessário visualizar as dimensões inversamente (a dimensão que possuir o valor médio mais baixo, é a área que mais contribui para a preocupação parental).

O item considerado de maior preocupação para os pais é o de maus tratos (\bar{x} = 1,452; DP = 0,942), e o que deve ser dito à criança em caso de separação dos pais (\bar{x} = 1,809; DP = 0,890), não só no que se refere a esta sub-escala mas também no que se refere ao total da escala (Anexo 4). Este resultado coincide com os dados resultantes da investigação sobre as Preocupações Parentais de Algarvio, Leal, e Maroco (*in press*). Contudo, este resultado distingue-se do esperado na medida em que a

maioria das crianças não é sujeita a maus-tratos nem está a passar por um processo de separação dos pais. Assim, é necessário definir o conceito de preocupações parentais para além dos sintomas apresentados pelas crianças, uma vez que foi pedido aos pais para que respondessem de acordo com aquilo que os preocupa em relação ao seu filho. Surge, deste modo, a confirmação da ideia de Bléandonu (2003, cit. in Algarvio, Leal, 2004), de que a função parental deverá ser também um processo em desenvolvimento, isto é, em função das necessidades decorrentes do desenvolvimento da criança. Como foi referido na revisão da literatura, a configuração da forma como cada um dos membros do casal vive estas preocupações, “irá para além dos problemas reais e dependerá do desenvolvimento da sua função parental, individual e enquanto casal” (Algarvio, Leal, & Maroco, *in press*, p. 3).

A preocupação menos intensa surge nas sub-escalas Preparação ($\bar{x}=4,7$; $DP=0,829$) e Medos ($\bar{x}=4,97$; $DP=0,809$), vem, deste modo, confirmar a facilidade da maioria dos pais em não considerar uma preocupação excessiva o facto de a criança mentir, não dar atenção ao que os pais dizem e não obedecer, ou seja, comportamentos que poderão atestar a qualidade do exercício parental. Tal como, a mudança de casa ou mesmo entender o que é a morte.

A influência que a idade dos filhos pode ter nas preocupações parentais foi uma questão a investigar. Os resultados demonstraram que esta variável não influencia as preocupações parentais. Contrariamente a alguns estudos, deveria assistir-se a uma influência da idade dos filhos na preocupação parental, pois tal significaria que ao longo do tempo do ciclo de vida, o casal modifica significativamente os seus níveis de preocupação, pois apesar de o intervalo ser curto (1 aos 5 anos), sabemos que as necessidades são distintas. Uma hipótese explicativa para estes resultados advém do facto de os pais ao longo desta faixa etária, continuarem a ter as mesmas preocupações em relação aos filhos, também porque a nossa amostra, foi recolhida numa instituição que possui as valências de creche e jardim-de-infância. Assim, os filhos da nossa amostra são crianças que estão desde os primeiros meses de idade nesta instituição. Promovendo assim, para um melhor conhecimento quer dos funcionários quer da própria instituição, proporcionando uma menor preocupação parental. Visto que estas crianças passam a maior parte do seu dia nesta instituição. Tais aspectos poderão ser tidos em conta em futuros estudos como variáveis a controlar.

Relativamente à idade dos filhos, e tomando como adquirido que o ciclo de vida familiar tem em conta esta característica, propusemo-nos a estudar indivíduos com um único filho. Porém, a escolha desta característica, pode trazer alguns problemas na obtenção de resultados viáveis. Pois, para um pai que esteja a

responder à EPP tendo em conta um único filho, as suas preocupações são afectadas por esta especificidade.

Darling e Steinberg (1993) num artigo de revisão, tentaram compreender os efeitos da parentalidade no desenvolvimento infantil. Estes autores refutaram que era necessário entender primeiramente o contexto familiar. Ao longo do estudo, estes afirmaram que tanto as práticas como as preocupações parentais são influenciadas pelas crenças dos pais, ou seja, os valores e limites que os mesmos têm em relação ao filho. Assim como referem os autores citados anteriormente, as preocupações parentais compreendem o próprio comportamento parental. Ou seja, os pais tentam proporcionar todos os cuidados, como estimulação para facilitar o desenvolvimento da criança.

Uma última questão a clarificar, foi se as Preocupações Parentais influenciam a Satisfação Conjugal. De modo a correlacionar estas duas variáveis, foi necessário assegurar que estávamos a falar de indivíduos que coabitavam com os filhos e com o cônjuge, isto é, que o sistema conjugal e o sistema parental eram o mesmo. Partindo, então, da nossa amostra ($n=42$), fez-se uma análise da correlação entre a variável *Avaliação da satisfação em áreas da vida Conjugal* e a variável *Preocupações Parentais* ($r=-0,190$; $p=0,229$).

Alguns estudos, como o de Van Egeren e Hawkins (2004), têm demonstrado que a satisfação conjugal e as preocupações parentais estão interligadas de um modo significativo. Estes autores realizaram uma revisão de vários estudos que demonstram essa mesma associação e proporcionalidade. Apesar dos resultados do presente estudo não irem precisamente nesse sentido, uma vez que se verificou uma correlação fraca e não significativa ($r=-0,190$; $p=0,229$) entre as variáveis *Avaliação da satisfação em áreas da vida Conjugal* e *Preocupações Parentais* na amostra em estudo, é necessário mencionar, tal como já foi referido anteriormente, que a Escala de Preocupações Parentais, deve ser visualizada inversamente (a área que mais contribui para a preocupação parental é a que possui o valor mais baixo).

Deste modo, devemos constatar que a satisfação conjugal aumenta diante de uma preocupação parental; do mesmo modo, se a preocupação parental for fraca, a satisfação conjugal tem valores médios mais baixos. Assim, estes resultados vão de encontro à ideia de Floyd, Gilliom, e Costigan (1998), que referem que a preocupação parental deve ser considerada um factor determinante da qualidade das experiências parentais, mais forte do que outros factores do casamento, visto ser mediadora dos efeitos da qualidade conjugal nas experiências parentais. Sucedendo assim, que as variações da conjugalidade podem provocar influências na parentalidade através da preocupação parental.

Através dos resultados obtidos e anteriormente apresentados, podemos, de um modo geral, concluir que as Preocupações Parentais influenciam e forma pouco expressiva a Satisfação Conjugal.

Esta informação leva-nos a considerar que, apesar de não se verificarem correlações e diferenças quantitativas significativas, as diferenças qualitativas existem, ao longo do tempo. Assim, seria pertinente a realização de estudos qualitativos que atendam à expressão das vicissitudes da vida quotidiana e às grandes esferas da preocupação parental. Os sujeitos e a satisfação conjugal sofrem transformações, que não são explicadas pela passagem do tempo, mas sim, pelas transformações a nível familiar, profissional e social que ele envolve e, o facto dos membros do casal evoluírem de uma forma conjunta. Como Narciso (2001) refere, a empatia e compreensão mútua são factores determinantes para a intimidade, pelo que, o facto de se partilhar experiências de vida e sentimentos semelhantes aos do cônjuge pode, proporcionar este tipo de comportamentos.

Resta-nos identificar as principais **limitações do estudo** e deixar **sugestões para investigações futuras**.

Uma das limitações que se pode aceitar neste estudo prende-se com a dimensão (n=42) e contextualização específica da amostra (por conveniência) e com o facto de não se ter conseguido utilizar cada casal como um todo.

A principal dificuldade sentida com o decorrer deste estudo foi o facto da Escala de respostas da EPP de Algarvio, Leal, e Maroco (*in press*), estar construída de forma invertida relativamente à direcção mais genericamente encontrada para as escalas tipo *Likert*, ou seja, a avaliação faz-se do 1 (preocupo-me muitíssimo) ao 5 (nada), promovendo assim, a visualização dos resultados inversamente, no sentido de quanto menor for o resultado, maiores são as preocupações parentais. Desta forma, esta disposição pode mesmo ter representado dificuldades acrescidas no preenchimento do respectivo questionário pelos sujeitos da amostra, ainda que não tenham sido apresentadas dúvidas à investigadora pelos mesmos. Assim, sugere-se às autoras da escala que tal formato seja revisto. Ainda que tenhamos ponderado a inversão dos somatórios que a escala permite produzir, através de uma padronização invertida dos seus somatórios, já que a sua reconfiguração em nada alteraria os resultados, decidimos manter o formato original para permitir comparações mais efectivas com os resultados em que a escala foi utilizada.

Ainda referindo a EPP, visto que esta é uma escala recente (*in press*), e por essa razão ainda não tenha sido utilizada em estudos, sugere-se para uma futura investigação, um estudo longitudinal para uma melhor compreensão das variações que vão surgindo ao longo do ciclo de vida da família (relativamente aos períodos

normativos e aos não-normativos que fazem alterar as preocupações parentais). Igualmente interessante, seria uma outra investigação com casais com mais do que um filho, de forma a encontrar-se diferenças e comparações com as preocupações parentais encontradas no nosso estudo.

Identicamente interessante, seria a utilização de uma metodologia qualitativa (na análise de casos de estudo de casais) na relação entre a satisfação conjugal e as preocupações parentais. Focando-se principalmente, no reconhecimento de alguns acontecimentos normativos e não-normativos que de alguma forma provocassem alterações nesta relação.

Parece-nos ainda que devem ser levadas a cabo investigações que problematizem as primeiras etapas do ciclo vital da família, no sentido destas atenderem às mudanças operadas na sociedade contemporânea, nomeadamente na relação das famílias com instituições de infância (creches e infantários) anteriores ao ensino obrigatório, eventualmente reconfigurando os aspectos de transição entre a família com filhos pequenos e a família com filhos na escola.

CONCLUSÃO

O presente trabalho procurou contribuir para um maior conhecimento da satisfação conjugal e das preocupações parentais. Assim, ambicionou-se fazer um enquadramento teórico que facilitasse a justificação para a importância de se investigar a relação entre estas duas áreas. Igualmente, referiu-se a importância do sistema familiar, como um sistema aberto e que está em constante mudança. Isto é, ambicionou-se demonstrar como as diferentes variáveis mudavam ao longo do tempo e se factores como o sexo, os anos de casamento e a idade dos filhos as influenciavam. Posteriormente, foi realizada a caracterização do processo metodológico utilizado neste estudo, incluindo ainda, a caracterização da amostra, e a apresentação dos principais resultados.

Daqui, evidencia-se que o sexo dos sujeitos da amostra, apresentam valores médios semelhantes ao nível da satisfação conjugal, bem como ao nível das preocupações parentais. Relativamente ao factor tempo, não se verificou que os anos de casamento, bem como a idade dos filhos influenciasse quer a satisfação conjugal quer as preocupações parentais. DeFranck-Lynch (1986, cit. in Relvas, 1996) refere, que as diferenças ao longo do tempo, encontram-se de acordo com o modelo de evolução do casal, uma vez que o modelo considera que na primeira fase (“fusão”, com uma duração que pode ir até aos 10 anos de casamento), e na terceira e última fase (“reencontro” a partir dos 20 anos de casamento), existe uma maior proximidade entre os membros do casal. Como a maioria da nossa amostra se encontra entre os 5 e os 9 anos de casamento (n=23), podemos hipotetizar que a proximidade do casal vai reflectir os resultados obtidos.

Contudo, ainda muitos estudos reportam para uma diminuição da satisfação conjugal aquando do nascimento do primeiro filho. “Este declínio é normalmente atribuído ao stress crescente que a criança conduz para a relação do casal e à interferência na intimidade conjugal causadas pelas responsabilidades do cuidado da criança”. Porém, alguns estudos mostram também, que “a parentalidade pode ter um efeito positivo em alguns casais”. Assim, as percepções da parentalidade afectam as próprias percepções da relação conjugal, ou seja, casais que considerem o papel de pais stressantes podem conduzir sentimentos negativos da parentalidade para o seu próprio casamento. Contudo, acredita-se que as atitudes e valores partilhados acerca da parentalidade levam a uma maior satisfação conjugal (Lima et al., 2007, p.21).

Como foi possível verificar, existe uma percepção entre a satisfação conjugal e as preocupações parentais, ou seja, o ser-se casal/cônjuge e o ser-se pai/mãe. Passando desta forma, a coexistir a parentalidade com a conjugalidade.

Esta investigação teve como um dos principais objectivos, um maior conhecimento sobre as preocupações parentais, enfocando neste processo a conjugalidade. Desta forma, a mudança por que os casais passam, principalmente

aquando do nascimento do primeiro filho, pode provocar mudanças negativas ou positivas na sua satisfação conjugal, no sentido de fomentar um envolvimento ou um afastamento emocional. Pois é a qualidade da relação/satisfação conjugal que vai influenciar a forma como o casal se relaciona e coabita.

Em resumo, mais do que obter resultados concludentes com esta investigação, espera-se que esta sirva como um impulsionador para novas investigações nesta área. Visto que a conjugalidade e a parentalidade são temas fulcrais da actualidade, o investimento na relação conjugal com a articulação do sub-sistema parental exige uma atenção muito especial.

BIBLIOGRAFIA

- Aboim, S. (2006a). Conjugalidade, afectos e formas de autonomia individual. *Análise Social*. XLI(180), pp. 801-825.
- Aboim, S. (2006b). *Conjugalidades em mudança*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Alarcão, M. (2006). *(Des)equilíbrios familiares*. Coimbra: Editora Quarteto.
- Algarvio, S. & Leal, I. (2004). Preocupações parentais: validação de um instrumento de medida. *Psicologia, Saúde & Doenças*. 5(1), pp. 145-158.
- Algarvio, S.; Leal, I. & Maroco, J. (in press). Escala de preocupações parentais.
- Almeida, M. (2007). *Quando dois se tornam três: reflexões acerca da formação de uma nova família a partir do impacto do nascimento do primeiro filho*. Monografia realizada no âmbito da Licenciatura em Psicologia pela Universidade de Aveiro.
- Amaro, F. (2004). A família portuguesa – tendências actuais. *Cidade Solidária* – Revista da SCML. Julho, pp. 1-5.
- Andolfi, M. (1996). *A Linguagem do encontro terapêutico*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Andolfi, M. (2002). *A crise do casal – uma perspectiva sistémico-relacional*. São Paulo: Artmed Editora.
- Carter, B. & McGoldrick, M. (1995). *As mudanças no ciclo de vida familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Carvalho, C.; Boléo, L. & Nunes, T. (2006). *Cooperação família-escola - um estudo de situações de famílias imigrantes na sua relação com a escola*. Lisboa: Acime – Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas.
- Cordova, V.; Gee, B. & Warren, Z. (2005). Emotional skillfulness in marriage: intimacy as a mediator of the relationship between emotional skillfulness and marital satisfaction. *Journal of Social and Clinical Psychology*. 24(2), pp. 218-235.
- Darling, N. & Steinberg, L. (1993). Parenting style as a context: an integrative model. *Psychological Bulletin*. 113, pp. 487-496.
- Erera, P. (2002). *Family diversity: continuity and change in the contemporary family*. California: Sage Publications.
- Feldman, R. (2000). Parents convergence on sharing and marital satisfaction, father involvement and parent-child relationship at the transition to parenthood. *Infant Health Journal*, 21, pp. 176-191.

- Fernandes, D. (2009). *Conflitos interpessoais no jardim-de-infância - a representação das educadoras de uma IPSS do distrito de Coimbra*. Dissertação para a obtenção do grau de mestre em ciências de educação Área de especialização: Supervisão pedagógica e formação de formadores. Universidade de Coimbra.
- Figueiredo, P. (2005). A influência do locus de controle conjugal, das habilidades sociais conjugais e da comunicação conjugal na satisfação com o casamento. *Ciências & Cognição*. 6, pp. 123-132.
- Floyd, F.; Gilliom, L. & Costigan, C. (1998). Marriage and parenting alliance: longitudinal prediction of change in parenting perceptions and behavior. *Child Development*, 69 (5), pp. 1461-1479.
- Gameiro, J. (1992). *Voando sobre a psiquiatria. Análise epistemológica da psiquiatria contemporânea*. Porto: Edições Afrontamento.
- Gonzaga, C.; Campos, B. & Bradbury, T. (2007). Similarity, convergence and relationship satisfaction in dating and married couples. *Journal of Personality and Social Psychology*. 93(1), pp. 34- 48.
- Guadalupe, S. (2008). *A saúde mental e o apoio social na família do doente oncológico*. Dissertação de Doutoramento apresentada ao Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar, Universidade do Porto.
- Hernandez, J. & Oliveira, I. (2003). Os componentes do amor e a satisfação. *Psicologia: Ciência e profissão*. 23(1),pp. 58-69.
- Kmec, J. & Gorman, E. (2010). Gender and discretionary work effort: evidence from the United States and Britain. *Work and Occupations*. 37(1), pp. 3-36.
- Kobarg, A.; Sachetti, V. & Vieira, M. (2006). Valores e crenças parentais: reflexões teóricas. *Revista Brasileira Crescimento Desenvolvimento Humano*. 16(2), pp. 96-102.
- Krob, A.; Piccinini, C. & Silva, M. (2009). A transição para a paternidade: da gestação ao segundo mês de vida do bebé. *Psicologia-USF*. 20(2), pp. 269-291.
- Lima, I. (2003). *Cenários de educação e desenvolvimento: o meio familiar e seu impacto na educação e desenvolvimento da criança*. Dissertação apresentada à Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto para prestação de provas de doutoramento em Psicologia.
- Lima, A.; Esteves, C.; Graça, C. & A, M. (2007). *Era uma vez uma família numerosa... uma abordagem sistémica da família*. Trabalho elaborado em contexto académico,

no âmbito da disciplina de Psicologia Sistémica, Familiar e Comunitária 2005/06, na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.

- Lopes, S. (2008). *Influências familiares na conjugalidade: o clima relacional na família de origem, a satisfação conjugal e a proximidade conjugal*. Dissertação de Mestrado Integrado em Psicologia da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.
- Maroco, J. (2007). *Análise estatística com utilização do SPSS (3ª ed.)*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Menezes, C. & Lopes, R. (2007). Relação conjugal na transição para a parentalidade: gestação até dezoito meses do bebé. *Psicologia-USF*. 12(1), pp. 83-93.
- Mesibov, G.; Schroeder, C. & Wesson, L. (1977). *Parental concerns about their children*. *Journal of Pediatric Psychology*. 2(1), pp. 13-17.
- Migueis, R. & Gaspar, F. (2004). Os contextos de formação e de prática educativa e a construção do conhecimento profissional por educadores de infância: Um estudo transcultural Portugal – Brasil. *Revista Portuguesa de Pedagogia*. 38(1,2,3), pp. 173-189.
- Minuchin, S. (1982). *Famílias: funcionamento & tratamento*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Monteiro, R. (2005). *O que dizem as mães*. Coimbra: Editora Quarteto.
- Myers, J. & Well, A. (2003). *Research design and statistical analysis*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Narciso, I. (1994/95). Metamorfoses do amor e da satisfação conjugal. *Cadernos de Consulta Psicológica*. 10/11, pp. 129-139.
- Narciso, I. (2002). *Conjugalidades satisfeitas mas não perfeitas - à procura do "padrão que liga"*. Dissertação de doutoramento não publicada. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.
- Narciso, I. & Costa, E. (1996). Amores satisfeitos, mas não perfeitos. *Cadernos de Consulta Psicológica*. 12, pp. 115-130.
- Narciso, I. & Ribeiro, M. (2009). *Olhares sobre a conjugalidade*. Lisboa: Coisas de Ler.

- Nunes, S.; Fernandes, M. & Vieira, M. (2007). Interacções sociais precoces: uma análise das mudanças nas funções parentais. *Revista Brasileira Crescimento Desenvolvimento Humano*. 17(3), pp. 160-171.
- Oliveira, J. (2002). *Psicologia da família*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Patrick, S.; Sells, J.; Giordano, F. & Tollerud, T. (2007). Intimacy, differentiation, and personality variables as predictors of marital satisfaction. *The Family Journal*. 15, pp. 359-367.
- Pereira, P. (2009). *Frutos do amor – quando dois passam a três*. Lisboa: Coisas de Ler.
- Relvas, A. (1996). *O ciclo vital da família – perspectiva sistémica*. Porto: Edições Afrontamento.
- Relvas, A. (2000). *Por detrás do espelho: da teoria à terapia com a família*. Lisboa: Quarteto.
- Relvas, A. & Alarcão, M. (2002). *Novas formas de família*. Coimbra: Quarteto.
- Ribas, A.; Junior, R. & Valente, A. (2006). Bem-estar emocional de mães e pais e o exercício do papel parental: uma investigação empírica. *Revista Brasileira Crescimento Desenvolvimento Humano*. 16(3), pp. 28-38.
- Ribeiro, J. (1999). *Investigação e avaliação em psicologia e saúde*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Sampaio, I. (2007). Práticas educativas parentais, género e ordem de nascimento dos filhos: actualização. *Revista Brasileira Crescimento Desenvolvimento Humano*. 17(2), pp. 144-452.
- Serra, A. & Algarvio, S. (2006). Preocupações parentais dos pais de crianças nascidas por fertilização *in vitro*. *Análise Psicológica*. 2(XXIV), pp. 149-154.
- Shorter, E. (1995). *A formação da família moderna*. Lisboa: Terramar.
- Silva, R. (2006). *Quando eu for grande quero ser... O trabalho para as crianças de meio rural: com as mãos na terra e os olhos no futuro*. Tese de Mestrado em Sociologia da Infância na Universidade do Minho.
- Sim-Sim, I.; Nunes, C. & Silva, A. (2008). *Linguagem e comunicação no jardim-de-infância: Textos de Apoio para Educadores de Infância* (1ª Ed.). Lisboa: Ministério da Educação.
- Singly, F. (1993). *La sociologie de la famille contemporaine*. Paris: Nathan.

- Teixeira, F. (2006). *Desenvolvimento pessoal e social da criança, na família e na escola. Convergência ou divergência?* Covilhã: Universidade da Beira Interior – Departamento de Psicologia e Educação.
- Tenenbaum, S. (1998). *Viver bem a vida de casal*. Porto: Ambar.
- Van Egeren, L. & Hawkins, D. (2004). Coming to terms with coparenting: implications of definition and measurement. *Journal of Adult Development*, 11(3), pp. 165-178.
- Verhoeven, M.; Junger, M.; Van Aken, C.; Dekovic, M. & Van Aken, M. (2007). Parenting during toddlerhood: contributions of parental, contextual, and child characteristics. *Journal of Family Issues*, 28(12), pp. 1663-1691.
- Vilhena, G. & Silva, M. (2002). *Organização da Componente de Apoio à Família*. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação.
- Wall, K. (1998). *Famílias no Campo*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

ANEXOS

LISTA DE ANEXOS

	Pág.
Anexo 1 Caracterização Sociodemográfica.....	72
<i>Escala de Avaliação da satisfação em áreas da vida Conjugal</i> (EASAVC) (Narciso & Costa, 1996)	73
<i>Escala de Preocupações Parentais (EPP)</i> (Algarvio, Leal, & Maroco, <i>in press</i>)	75
Anexo 2 Descrição dos Itens da Escala de Avaliação da Satisfação em Áreas da Vida Conjugal.....	78
Descrição dos Itens da Escala de Preocupações Parentais.....	80
Anexo 3 Estudo da normalidade das respostas da amostra global ao questionário EASAVC e ao questionário EPP	82
Anexo 4 Características Psicométricas da EASAVC.....	86
Diferenças entre Sexo da EASAVC	87
Características Psicométricas da EPP.....	89
Diferenças entre Sexo da EPP	91
Anexo 5 Estudo das correlações	95

ANEXO 1

Exmo(a)

No âmbito do Mestrado em Psicologia Clínica - Ramo de Especialidade em Família e Intervenção Sistémica no Instituto Superior Miguel Torga, foi proposta a realização de uma Dissertação de Mestrado. Neste contexto, pretendeu-se contribuir para o desenvolvimento de uma leitura mais compreensiva e multifacetada sobre a complexidade das Relações Conjugais e das Preocupações Parentais.

Gostaríamos, assim, que colaborasse, respondendo aos instrumentos de recolha de dados que apresentamos de seguida. Estes são anónimos e as suas respostas são absolutamente confidenciais, servindo apenas para fins de investigação.

Por favor, preencha os instrumentos e responda a todas as questões.

Para mais informações pode contactar:

Correio electrónico: aluisavicente@sapo.pt

A Mestranda

Caracterização Sócio-Demográfica

SEXO: Masculino ☐ Feminino ☐

IDADE: _____ Anos

ESTADO CIVIL:

Casado ☐ Casado sem registo ☐

Há quantos anos vive em conjugalidade com a(o) actual companheira(o) _____

PROFISSÃO: _____

HABILITAÇÕES LITERÁRIAS: _____

CONCELHO DE RESIDÊNCIA: _____

IDADE DO FILHO/A: _____ Anos

SEXO DO FILHO/A: Masculino ☐ Feminino ☐

Escala de Avaliação da Satisfação em Áreas da Vida Conjugal

(Narciso, I. & Costa, M., 1996)

1	2	3	4	5	6
Nada satisfeito(a)	Pouco satisfeito(a)	Razoavelmente satisfeito(a)	Satisfeito(a)	Muito satisfeito(a)	Completamente satisfeito(a)

Pense na sua relação conjugal. Utilize a seguinte escala de modo a expressar o que sente relativamente a cada expressão. Para cada um dos itens deverá escolher a afirmação da escala que melhor descreve o que você sente, rodeando o número correspondente com um círculo (O).

1. O modo como gerimos a nossa situação financeira	1	2	3	4	5	6
2. A distribuição de tarefas domésticas	1	2	3	4	5	6
3. O modo como tomámos decisões	1	2	3	4	5	6
4. A distribuição de responsabilidades	1	2	3	4	5	6
5. O modo como passamos os tempos livres	1	2	3	4	5	6
6. A quantidade de tempos livres	1	2	3	4	5	6
7. O modo como nos relacionamos com os amigos	1	2	3	4	5	6
8. O modo como nos relacionamos com a família do meu cônjuge	1	2	3	4	5	6
9. O modo como nos relacionamos com a minha família	1	2	3	4	5	6
10. A minha privacidade e autonomia	1	2	3	4	5	6
11. A privacidade e autonomia do meu cônjuge	1	2	3	4	5	6
12. A nossa relação com a minha profissão	1	2	3	4	5	6
13. A nossa relação com a profissão do meu cônjuge	1	2	3	4	5	6
14. A frequência com que conversamos	1	2	3	4	5	6
15. O modo como conversamos	1	2	3	4	5	6
16. Os assuntos sobre os quais conversamos	1	2	3	4	5	6
17. A frequência dos conflitos que temos	1	2	3	4	5	6
18. O modo como resolvemos os conflitos	1	2	3	4	5	6
19. O que sinto pelo meu cônjuge	1	2	3	4	5	6

20. O que o meu cônjuge sente por mim	1	2	3	4	5	6
21. O modo como expresso o que sinto pelo meu cônjuge	1	2	3	4	5	6
22. O modo como o meu cônjuge expressa o que sente por mim	1	2	3	4	5	6
23. O desejo sexual que sinto pelo meu cônjuge	1	2	3	4	5	6
24. O desejo sexual que o meu cônjuge sente por mim	1	2	3	4	5	6
25. A frequência que temos relações conjugais	1	2	3	4	5	6
26. O prazer que sinto quando temos relações sexuais	1	2	3	4	5	6
27. O prazer que o meu cônjuge sente quando temos relações sexuais	1	2	3	4	5	6
28. A qualidade das nossas relações sexuais	1	2	3	4	5	6
29. O apoio emocional que dou ao meu cônjuge	1	2	3	4	5	6
30. O apoio emocional que o meu cônjuge me dá	1	2	3	4	5	6
31. A confiança que tenho no meu cônjuge	1	2	3	4	5	6
32. A confiança que o meu cônjuge tem em mim	1	2	3	4	5	6
33. A admiração que sinto pelo meu cônjuge	1	2	3	4	5	6
34. A admiração que o meu cônjuge sente por mim	1	2	3	4	5	6
35. A partilha de interesses e actividades	1	2	3	4	5	6
36. A atenção que dedico aos interesses do meu cônjuge	1	2	3	4	5	6
37. A atenção que o meu cônjuge dedica aos meus interesses	1	2	3	4	5	6
38. Os nossos projectos para o futuro	1	2	3	4	5	6
39. As minhas expectativas quanto ao futuro da nossa relação	1	2	3	4	5	6
40. As expectativas do meu cônjuge quanto ao futuro da nossa relação	1	2	3	4	5	6
41. O aspecto físico do meu cônjuge	1	2	3	4	5	6
42. A opinião que o meu cônjuge tem sobre o meu aspecto físico	1	2	3	4	5	6
43. As características e hábitos do meu cônjuge	1	2	3	4	5	6
44. A opinião que o meu cônjuge tem sobre as minhas características e hábitos	1	2	3	4	5	6

Escala de Preocupações Parentais

(Algarvio, S.; Leal, I. & Maroco, J., *in press*)

As questões que se seguem pedem-lhe a sua opinião acerca do que a/o preocupa actualmente em relação ao seu filho/a.

Responda, por favor, a cada uma das questões assinalando com um círculo (O) na opção que considera mais adequada à sua situação. Se não tiver a certeza de como responder a qualquer uma das questões, responda o melhor que puder.

	Muitíssimo	Bastante	Razoavelmente	Pouco	Nada
1. Preocupa-me o meu filho ter medo do escuro	1	2	3	4	5
2. Preocupa-me o meu filho ter pesadelos	1	2	3	4	5
3. Preocupa-me o meu filho controlar difícilmente os seus comportamentos	1	2	3	4	5
4. Preocupa-me o meu filho não me obedecer	1	2	3	4	5
5. Preocupa-me o que o meu filho deve comer	1	2	3	4	5
6. Preocupa-me os pais não estarem de acordo quanto às regras e disciplina	1	2	3	4	5
7. Preocupa-me se o meu filho tem o que precisa na escola	1	2	3	4	5
8. Preocupa-me saber como preparar o meu filho para mudar de casa	1	2	3	4	5
9. Preocupa-me o meu filho entender o que é a morte	1	2	3	4	5
10. Preocupa-me o meu filho queixar-se de dores de cabeça	1	2	3	4	5
11. Preocupa-me o meu filho ter o sono agitado	1	2	3	4	5
12. Preocupa-me o meu filho fazer birras	1	2	3	4	5
13. Preocupa-me a educadora/professora entender o meu filho	1	2	3	4	5
14. Preocupa-me os pais discutirem muito	1	2	3	4	5
15. Preocupa-me o meu filho não querer ir para a cama	1	2	3	4	5

16. Preocupa-me o meu filho ser mandão e exigente	1	2	3	4	5
17. Preocupa-me o meu filho ser sujeito a maus tratos	1	2	3	4	5
18. Preocupa-me o que deve ser dito à criança em caso de separação dos pais	1	2	3	4	5
19. Preocupa-me o meu filho ter medos	1	2	3	4	5
20. Preocupa-me o meu filho queixar-se muito	1	2	3	4	5
21. Preocupa-me o meu filho queixar-se de dores de barriga	1	2	3	4	5
22. Preocupa-me o meu filho entender a morte de alguém próximo	1	2	3	4	5
23. Preocupa-me o meu filho não comer certos alimentos	1	2	3	4	5
24. Preocupa-me o meu filho ter medo do papão ou de monstros	1	2	3	4	5

ANEXO 2

Escala de Avaliação da Satisfação em Áreas da Vida Conjugal

Dimensões	Factor	Descrição dos Itens	Variação da Cotação de cada item
Amor	Sentimentos e Expressão de sentimentos (6 itens)	19. O que sinto pelo meu cônjuge 20. O que o meu cônjuge sente por mim 21. O modo como expresso o que sinto pelo meu cônjuge 22. O modo como o meu cônjuge expressa o que sente por mim 29. O apoio emocional que dou ao meu cônjuge 30. O apoio emocional que o meu cônjuge me dá	Cada item De 1 a 6
	Sexualidade (6 itens)	23. O desejo sexual que sinto pelo meu cônjuge 24. O desejo sexual que o meu cônjuge sente por mim 25. A frequência que temos relações conjugais 26. O prazer que sinto quando temos relações sexuais 27. O prazer que o meu cônjuge sente quando temos relações sexuais 28. A qualidade das nossas relações sexuais	Cada item De 1 a 6
	Intimidade Emocional (7 itens)	31. A confiança que tenho no meu cônjuge 32. A confiança que o meu cônjuge tem em mim 33. A admiração que sinto pelo meu cônjuge 34. A admiração que o meu cônjuge sente por mim 35. A partilha de interesses e actividades 36. A atenção que dedico aos interesses do meu cônjuge 37. A atenção que o meu cônjuge dedica aos meus interesses	Cada item De 1 a 6
	Continuidade e da Relação (3 itens)	38. Os nossos projectos para o futuro 39. As minhas expectativas quanto ao futuro da nossa relação 40. As expectativas do meu cônjuge quanto ao futuro da nossa relação	Cada item De 1 a 6
	Características Físicas e Psicológicas	41. O aspecto físico do meu cônjuge 42. A opinião que o meu cônjuge tem sobre o meu aspecto físico	Cada item De 1 a 6

	(4 itens)	43. As características e hábitos do meu cônjuge 44. A opinião que o meu cônjuge tem sobre as minhas características e hábitos	
Funcionamento	Funções (4 itens)	1. O modo como gerimos a nossa situação financeira 2. A distribuição de tarefas domésticas 3. O modo como tomamos decisões 4. A distribuição de responsabilidades	Cada item De 1 a 6
	Tempos Livres (2 itens)	5. O modo como passamos os tempos livres 6. A quantidade de tempos livres	Cada item De 1 a 6
	Autonomia/privacidade (2 itens)	10. A minha privacidade e autonomia 11. A privacidade e autonomia do meu cônjuge	Cada item De 1 a 6
	Comunicação e Conflitos (5 itens)	14. A frequência com que conversamos 15. O modo como conversamos 16. Os assuntos sobre os quais conversamos 17. A frequência dos conflitos que temos 18. O modo como resolvemos os conflitos	Cada item De 1 a 6 Factor De 5 a 25
	Relações extra-familiares (5 itens)	7. O modo nos relacionamos com os amigos 8. O modo nos relacionamos com a família do meu cônjuge 9. O modo nos relacionamos com a minha família 12. A nossa relação com a minha profissão 13. A nossa relação com a profissão do meu cônjuge	Cada item De 1 a 6

Escala de Preocupações Parentais

Factor	Descrição dos Itens	Variação da Cotação de cada item
Problemas Familiares e Preocupações Escolares (6 itens)	5. Preocupa-me o que o meu filho deve comer 6. Preocupa-me os pais não estarem de acordo quanto às regras e disciplina 12. Preocupa-me o meu filho fazer birras 13. Preocupa-me a educadora/professora entender o meu filho 17. Preocupa-me o meu filho ser sujeito a maus tratos 18. Preocupa-me o que deve ser dito à criança em caso de separação dos pais	Cada item De 1 a 5
Desenvolvimento Infantil (6 itens)	1. Preocupa-me o meu filho ter medo do escuro 4. Preocupa-me o meu filho não me obedecer 9. Preocupa-me o meu filho entender o que é a morte 10. Preocupa-me o meu filho queixar-se de dores de cabeça 21. Preocupa-me o meu filho queixar-se de dores de barriga 23. Preocupa-me o meu filho não comer certos alimentos	Cada item De 1 a 5
Preparação (3 itens)	7. Preocupa-me se o meu filho tem o que precisa na escola 8. Preocupa-me saber como preparar o meu filho para mudar de casa 22. Preocupa-me o que deve ser dito à criança em caso de separação dos pais	Cada item De 1 a 5
Medos (3 itens)	14. Preocupa-me os pais discutirem muito 19. Preocupa-me o meu filho ter medos 24. Preocupa-me o meu filho ter medo do papão ou de monstros	Cada item De 1 a 5
Comportamentos Negativos (6 itens)	2. Preocupa-me o meu filho ter pesadelos 3. Preocupa-me o meu filho controlar dificilmente os seus comportamentos 11. Birras 15. Preocupa-me o meu filho não querer ir para a cama 16. Preocupa-me o meu filho ser mandão e exigente 20. Preocupa-me o meu filho queixar-se muito	Cada item De 1 a 5

ANEXO 3

Normalidade

O estudo da normalidade, tem como objectivo a verificação das condições de utilização de testes paramétricos ou não paramétricos na análise estatística dos dados. Para este estudo utilizou-se o teste de *Kolmogorov-Smirnov* e o *Shapiro-Wilk*, realizado através do programa estatístico SPSS. Os dois testes testam a hipótese de que os dados apresentam uma distribuição normal. No caso de amostras menores (<50 casos), que é o nosso caso, o teste *Shapiro-Wilk* é mais poderoso (Myers & Well, 2003, p. 185). Um valor abaixo da significância indica um desvio na distribuição dos dados em relação à Curva Normal (de preferência deve estar abaixo de 0,05 ou mesmo 0,01).

Iniciou-se então o estudo, pela análise da normalidade das respostas da amostra global ao questionário EASAVC, tendo-se obtido os seguintes resultados:

Tests of Normality

	Kolmogorov-Smirnov ^a			Shapiro-Wilk		
	Statistic	df	Sig.	Statistic	df	Sig.
Total_EASAVC	,073	42	,200*	,960	42	,144

*. This is a lower bound of the true significance.

a. Lilliefors Significance Correction

Através destes resultados e uma vez que o valor obtido ($p=0,144$) é superior ao nível de significância 0,05, não rejeitamos a hipótese nula do teste, ou seja, consideramos que as respostas da amostra global ao questionário EASAVC, seguem uma distribuição normal.

O mesmo procedimento foi efectuado para análise das respostas da amostra global ao questionário EPP, tendo sido obtidos os seguintes resultados:

Tests of Normality

	Kolmogorov-Smirnov ^a			Shapiro-Wilk		
	Statistic	df	Sig.	Statistic	df	Sig.
Total_EPP	,170	42	,004	,949	42	,060

a. Lilliefors Significance Correction

Os resultados obtidos levam-nos a concluir que as respostas ao questionário EPP seguem uma distribuição normal ($p=0,060$), para um nível de significância 0,05.

Na divisão dos participantes em sub-amostras, começámos a nossa análise pela variável sexo. Assim, fomos verificar a normalidade das respostas aos questionários anteriormente mencionados, no caso dos homens, e, no caso das mulheres.

Relativamente ao questionário EASAVC, os resultados obtidos foram os seguintes:

Tests of Normality

Sexo		Kolmogorov-Smirnov ^a			Shapiro-Wilk		
		Statistic	df	Sig.	Statistic	df	Sig.
Total_EASAVC	Masculino	,108	21	,200*	,944	21	,257
	Feminino	,105	21	,200*	,964	21	,591

*. This is a lower bound of the true significance.

a. Lilliefors Significance Correction

Podemos então concluir, que em todos os grupos da variável sexo, as respostas seguem uma distribuição normal ($p=0,257$; $p=0,591$), uma vez que ambos os valores são superiores ao nível de significância 0,05.

A normalidade das respostas destes dois grupos, ao questionário EPP, é apresentada seguidamente:

Tests of Normality

Sexo		Kolmogorov-Smirnov ^a			Shapiro-Wilk		
		Statistic	df	Sig.	Statistic	df	Sig.
Total_EPP	Masculino	,193	21	,040	,912	21	,061
	Feminino	,153	21	,200*	,951	21	,359

*. This is a lower bound of the true significance.

a. Lilliefors Significance Correction

Através dos resultados obtidos, podemos verificar que em todos os grupos da variável sexo, as respostas seguem uma distribuição normal ($p=0,061$; $p=0,359$), uma vez que ambos os valores são superiores ao nível de significância 0,05.

Outra das variáveis analisadas no nosso estudo diz respeito ao tempo de casamento.

Os resultados obtidos para as respostas ao questionário EASAVC são apresentados no quadro seguinte:

Tests of Normality

Anos agrupados		Kolmogorov-Smirnov ^a			Shapiro-Wilk		
		Statistic	df	Sig.	Statistic	df	Sig.
Total_EASAVC	1	,143	13	,200*	,944	13	,510
	2	,149	19	,200*	,945	19	,321
	3	,284	10	,022	,847	10	,054

*. This is a lower bound of the true significance.

a. Lilliefors Significance Correction

Neste caso, podemos verificar que, para um nível de significância 0,05, todos os grupos da variável anos de casamento, seguem uma distribuição normal ($p=0,510$; $p=0,321$; $p=0,054$).

Por último, foi ainda verificada a normalidade das respostas ao questionário EPP utilizado na presente investigação, de acordo com as idades dos filhos.

Foi ainda verificada a normalidade das respostas relativamente ao questionário EPP. Os resultados obtidos são apresentados no quadro seguinte:

Tests of Normality							
Idade do filho		Kolmogorov-Smirnov ^a			Shapiro-Wilk		
		Statistic	df	Sig.	Statistic	df	Sig.
Total_EPP	1	,260	2	.			
	2	,260	2	.			
	3	,274	12	,013	,834	12	,023
	4	,272	3	.	,947	3	,554
	5	,133	23	,200*	,969	23	,660

*. This is a lower bound of the true significance.

a. Lilliefors Significance Correction

Neste caso, podemos observar que os resultados obtidos são superiores ao nível de significância 0,05, pelo que seguem uma distribuição normal, com excepção dos pais que têm filhos com 3 anos de idade.

Com base nestes dados, podemos considerar que na maioria dos casos, não se verificam as condições de aplicação de testes não paramétricos (Maroco, 2007), pelo que, a escolha de testes paramétricos para análise dos dados obtidos na presente investigação, nos parece a escolha correcta.

ANEXO 4

Escala de Avaliação da Satisfação em Áreas da Vida Conjugal

Características Psicométricas

	Média	Mediana	DP	Variância	Mínimo	Máximo
EASAVC_1	4,738	5	1,105	1,222	2	6
EASAVC_2	3,976	4	1,199	1,438	1	6
EASAVC_3	4,761	5	0,983	0,966	3	6
EASAVC_4	4,571	5	1,085	1,177	2	6
EASAVC_5	4,261	5	1,105	1,222	2	6
EASAVC_6	3,285	3	1,110	1,233	1	5
EASAVC_7	4,833	5	1,010	1,020	2	6
EASAVC_8	4,428	5	1,015	1,031	2	6
EASAVC_9	4,690	5	1,023	1,048	2	6
EASAVC_10	4,404	4	1,060	1,124	2	6
EASAVC_11	4,380	4	0,935	0,875	3	6
EASAVC_12	4,190	4	1,109	1,231	1	6
EASAVC_13	4,190	4	1,041	1,084	2	6
EASAVC_14	4,642	5	1,226	1,503	2	6
EASAVC_15	4,666	5	1,242	1,544	1	6
EASAVC_16	4,642	5	1,031	1,064	3	6
EASAVC_17	4,238	4	1,245	1,551	2	6
EASAVC_18	4,666	5	1,051	1,105	2	6
EASAVC_19	5,190	5	0,706	0,499	3	6
EASAVC_20	5,095	5	0,849	0,722	3	6
EASAVC_21	5	5	0,910	0,829	3	6
EASAVC_22	4,833	5	0,985	0,971	2	6
EASAVC_23	4,976	5	0,999	0,999	2	6
EASAVC_24	5,071	5	0,837	0,702	3	6
EASAVC_25	4,547	5	1,108	1,229	2	6
EASAVC_26	5,166	5	0,793	0,630	3	6
EASAVC_27	5,166	5	0,853	0,727	3	6
EASAVC_28	4,952	5	0,986	0,973	2	6
EASAVC_29	5,047	5	0,854	0,729	3	6
EASAVC_30	4,976	5	0,949	0,901	3	6
EASAVC_31	5,023	5	1,070	1,145	2	6
EASAVC_32	4,952	5	1,080	1,168	2	6
EASAVC_33	5,214	5	0,842	0,709	3	6
EASAVC_34	5,023	5	1,047	1,096	2	6
EASAVC_35	4,142	4	1,180	1,393	2	6
EASAVC_36	4,428	5	1,062	1,128	2	6
EASAVC_37	4,333	4	1,262	1,593	2	6
EASAVC_38	4,738	5	0,938	0,880	3	6
EASAVC_39	5,071	5	1,021	1,043	2	6
EASAVC_40	5,047	5	1,010	1,022	3	6
EASAVC_41	5,142	5	0,813	0,662	3	6
EASAVC_42	5,023	5	0,748	0,560	4	6

EASAVC_43	4,595	5	0,938	0,880	3	6
EASAVC_44	4,285	4	0,969	0,940	2	6

Diferenças de Médias nas pontuações da EASAVC entre Sexos

	Sexo	Média	Mediana	DP	Mínimo	Máximo
EASAVC_1	Masculino	4,81	5	1,209	2	6
	Feminino	4,67	5	1,017	2	6
EASAVC_2	Masculino	4,38	4	0,921	3	6
	Feminino	3,57	4	1,326	1	6
EASAVC_3	Masculino	4,81	5	0,928	3	6
	Feminino	4,71	5	1,056	3	6
EASAVC_4	Masculino	4,76	5	0,889	3	6
	Feminino	4,38	5	1,244	2	6
EASAVC_5	Masculino	4,29	5	1,102	2	6
	Feminino	4,24	5	1,136	2	6
EASAVC_6	Masculino	3,29	3	1,102	2	5
	Feminino	3,29	3	1,146	1	5
EASAVC_7	Masculino	4,9	5	0,889	3	6
	Feminino	4,76	5	1,136	2	6
EASAVC_8	Masculino	4,62	5	0,805	3	6
	Feminino	4,24	4	1,179	2	6
EASAVC_9	Masculino	4,52	5	0,928	3	6
	Feminino	4,86	5	1,108	2	6
EASAVC_10	Masculino	4,19	4	1,167	2	6
	Feminino	4,62	5	0,921	3	6
EASAVC_11	Masculino	4,29	4	0,956	3	6
	Feminino	4,48	4	0,928	3	6
EASAVC_12	Masculino	4,24	4	0,944	2	6
	Feminino	4,14	4	1,276	1	6
EASAVC_13	Masculino	4,14	4	0,964	2	6
	Feminino	4,24	4	1,136	2	6
EASAVC_14	Masculino	4,62	5	1,244	2	6
	Feminino	4,67	5	1,238	2	6
EASAVC_15	Masculino	4,76	5	1,091	2	6
	Feminino	4,57	5	1,399	1	6
EASAVC_16	Masculino	4,57	5	1,028	3	6
	Feminino	4,71	5	1,056	3	6
EASAVC_17	Masculino	4,38	5	1,284	2	6
	Feminino	4,1	4	1,221	2	6
EASAVC_18	Masculino	4,71	5	1,007	3	6
	Feminino	4,62	5	1,117	2	6
EASAVC_19	Masculino	5,14	5	0,655	4	6
	Feminino	5,24	5	0,768	3	6
EASAVC_20	Masculino	5,14	5	0,727	4	6

	Feminino	5,05	5	0,973	3	6
EASAVC_21	Masculino	4,9	5	0,831	3	6
	Feminino	5,1	5	0,995	3	6
EASAVC_22	Masculino	4,95	5	0,805	3	6
	Feminino	4,71	5	1,146	2	6
EASAVC_23	Masculino	5,1	5	0,831	4	6
	Feminino	4,86	5	1,153	2	6
EASAVC_24	Masculino	5	5	0,837	3	6
	Feminino	5,14	5	0,854	3	6
EASAVC_25	Masculino	4,52	5	1,078	2	6
	Feminino	4,57	5	1,165	2	6
EASAVC_26	Masculino	5,19	5	0,75	4	6
	Feminino	5,14	5	0,854	3	6
EASAVC_27	Masculino	5,1	5	0,889	3	6
	Feminino	5,24	5	0,831	3	6
EASAVC_28	Masculino	5	5	0,894	3	6
	Feminino	4,9	5	1,091	2	6
EASAVC_29	Masculino	4,95	5	0,921	3	6
	Feminino	5,14	5	0,793	3	6
EASAVC_30	Masculino	5	5	0,949	3	6
	Feminino	4,95	5	0,973	3	6
EASAVC_31	Masculino	5,05	5	0,973	3	6
	Feminino	5	5	1,183	2	6
EASAVC_32	Masculino	4,86	5	1,195	2	6
	Feminino	5,05	5	0,973	3	6
EASAVC_33	Masculino	5,24	5	0,7	4	6
	Feminino	5,19	5	0,981	3	6
EASAVC_34	Masculino	5	5	1	3	6
	Feminino	5,05	5	1,117	2	6
EASAVC_35	Masculino	4,1	4	1,179	2	6
	Feminino	4,19	4	1,209	2	6
EASAVC_36	Masculino	4,33	4	1,111	2	6
	Feminino	4,52	5	1,03	2	6
EASAVC_37	Masculino	4,38	4	1,161	2	6
	Feminino	4,29	4	1,384	2	6
EASAVC_38	Masculino	4,76	5	0,831	3	6
	Feminino	4,71	5	1,056	3	6
EASAVC_39	Masculino	5,14	5	0,854	3	6
	Feminino	5	5	1,183	2	6
EASAVC_40	Masculino	5,1	5	0,944	3	6
	Feminino	5	5	1,095	3	6
EASAVC_41	Masculino	5	5	0,894	3	6
	Feminino	5,29	5	0,717	4	6
EASAVC_42	Masculino	4,9	5	0,7	4	6
	Feminino	5,14	5	0,793	4	6
EASAVC_43	Masculino	4,62	5	0,973	3	6

EASAVC_44	Feminino	4,57	4	0,926	3	6
	Masculino	4,29	4	1,056	2	6
	Feminino	4,29	4	0,902	2	6

Escala de Preocupações Parentais

Características Psicométricas

Sensibilidade

Item	Média	DP	Mediana	Sk	Ku	Mínimo	Máximo
1.Pesadelo	2,928	1,134	3.00	-,170	-,565	1	5
2.Dific. controlar comport.	2,928	0,997	3.00	-,161	-,095	1	5
3.Não obedecer	2,428	0,887	2.00	,556	,637	1	5
4.O que deve comer	2,142	0,813	2.00	,012	-,880	1	5
5.Desacordo dos pais	2,452	0,832	2.50	,291	1,032	1	5
6.Tem o que precisa na escola	2,190	0,803	2.00	,226	-,342	1	5
7.Preparar para mudar de casa	2,333	0,845	2.00	,301	-,340	1	5
8.Entender o que é a morte	3,357	1,164	3.00	-,462	-,312	1	5
9.Queixar-se dores de cabeça	2,595	0,989	2.50	,278	-,418	1	5
10.Sono agitado	2,071	0,808	2.00	,448	-,088	1	5
11.Birras	2,452	0,802	2.00	,162	-,313	1	5
12.O prof. entender a criança	2,666	0,979	3.00	,406	,115	1	5
13.Pais discutirem muito	2,261	0,734	2.00	,315	,124	1	5
14.Medo do escuro	2,285	0,969	2.00	,392	-,716	1	5
15.Não querer ir para a cama	2,952	0,986	3.00	,099	,111	1	5
16.Mandão e exigente	2,952	0,986	3.00	-,061	-,281	1	5
17.Maus tratos	1,452	0,942	1.00	2,440	5,732	1	5
18.Separação dos pais	1,809	0,890	2.00	,612	-,905	1	5
19.Medos	2,547	0,861	2.00	,568	,542	1	5
20.Queixar-se muito	2,547	1,016	2.00	,303	-,496	1	5
21.Queixar-se dores de barriga	2,333	0,786	2.00	,269	-,143	1	5

22.Morte de alguém próximo	2,738	0,989	3.00	,404	,492	1	5
23.Não comer certos alimentos	2,857	0,925	3.00	,103	,361	1	5
24.Medo papão ou monstros	3,142	0,951	3.00	-,298	,592	1	5

Fiabilidade

Alpha de Cronbach

Item	I.	II.	III.	IV.	V.
1.Pesadelo		,947			
2.Dific. controlar comport.					,945
3.Não obedecer					,946
4.O que deve comer		,947			
5.Desacordo dos pais	,945				
6.Tem o que precisa na escola	,948				
7.Preparar para mudar de casa			,946		
8.Entender o que é a morte			,947		
9.Queixar-se dores de cabeça		,946			
10.Sono agitado		,947			
11.Birras					,946
12.O prof. entender a criança	,945				
13.Pais discutirem muito	,947				
14.Medo do escuro				,945	
15.Não querer ir para a cama					,946
16.Mandão e exigente					,947
17.Maus tratos	,952				
18.Separação dos pais	,948				
19.Medos				,945	
20.Queixar-se muito					,946
21.Queixar-se dores de barriga		,947			
22.Morte de alguém próximo			,944		
23.Não comer certos alimentos		,945			

24.Medo papão ou monstros				,944	
Alpha Cronbach Sub-Escalas	,757	,795	,768	,839	,857
Alpha Cronbach Escala Total			,948		

Diferenças de Médias nas pontuações da EPP entre Sexos

Item	Sexo	Média	Mediana	DP	Mínimo	Máximo
1.Pesadelo	Masculino	2,81	3	1,123	1	4
	Feminino	3,05	3	1,161	1	5
2.Dific. controlar comport.	Masculino	2,95	3	1,024	1	4
	Feminino	2,90	3	0,995	1	5
3.Não obedecer	Masculino	2,33	2	0,796	1	4
	Feminino	2,52	2	0,981	1	5
4.O que deve comer	Masculino	2,24	2	0,889	1	4
	Feminino	2,05	2	0,740	1	3
5.Desacordo dos pais	Masculino	2,52	3	0,814	1	4
	Feminino	2,38	2	0,865	1	5
6.Tem o que precisa na escola	Masculino	2,14	2	0,793	1	4
	Feminino	2,24	2	0,831	1	4
7.Preparar para mudar de casa	Masculino	2,38	2	1,024	1	4
	Feminino	2,29	2	0,640	1	4
8.Entender o que é a morte	Masculino	3,38	4	1,161	1	5
	Feminino	3,33	3	1,197	1	5
9.Queixar-se dores de cabeça	Masculino	2,71	3	1,056	1	5
	Feminino	2,48	2	0,928	1	4
10.Sono agitado	Masculino	2,05	2	0,740	1	3
	Feminino	2,10	2	0,889	1	4
11.Birras	Masculino	2,52	3	0,814	1	4
	Feminino	2,38	2	0,805	1	4

12.O prof. entender a criança	Masculino	2,86	3	1,062	1	5
	Feminino	2,48	2	0,873	1	5
13.Pais discutirem muito	Masculino	2,14	2	0,793	1	4
	Feminino	2,38	2	0,669	1	4
14.Medo do escuro	Masculino	2,29	2	0,902	1	4
	Feminino	2,29	2	1,056	1	4
15.Não querer ir para a cama	Masculino	3,05	3	0,921	1	5
	Feminino	2,86	3	1,062	1	5
16.Mandão e exigente	Masculino	3,05	3	1,024	1	5
	Feminino	2,86	3	0,964	1	5
17.Maus tratos	Masculino	1,38	1	0,805	1	4
	Feminino	1,52	1	1,078	1	5
18.Separação dos pais	Masculino	1,81	1	0,981	1	4
	Feminino	1,81	2	0,814	1	3
19.Medos	Masculino	2,57	3	0,870	1	4
	Feminino	2,52	2	0,873	1	5
20.Queixar-se muito	Masculino	2,62	2	1,161	1	5
	Feminino	2,48	3	0,873	1	4
21.Queixar-se dores de barriga	Masculino	2,24	2	0,768	1	4
	Feminino	2,43	2	0,811	1	4
22.Morte de alguém próximo	Masculino	2,76	3	0,995	1	5
	Feminino	2,71	3	1,007	1	5
23.Não comer certos alimentos	Masculino	2,90	3	0,889	1	4
	Feminino	2,81	3	0,981	1	5
24.Medo papão ou monstros	Masculino	3,05	3	0,973	1	5
	Feminino	3,24	3	0,944	1	5

Matriz de Correlação entre o *Total_EASAVC* e o *Número de Anos de Casamento*

		Numero anos de casados	Total_EASAVC
Numero anos de casados	Pearson Correlation	1	,064
	Sig. (2-tailed)		,688
	N	42	42
Total_EASAVC	Pearson Correlation	,064	1
	Sig. (2-tailed)	,688	
	N	42	42

Matriz de Correlação entre o *Total_EPP* e a *Idade do filho*

		Total_EPP	Idade do f ilho
Total_EPP	Pearson Correlation	1	,120
	Sig. (2-tailed)		,447
	N	42	42
Idade do f ilho	Pearson Correlation	,120	1
	Sig. (2-tailed)	,447	
	N	42	42

Matriz de Correlação entre as variáveis *Total_EASAVC* e *Total_EPP*

		Total_EPP	Total_EASAVC
Total_EPP	Pearson Correlation	1	-,190
	Sig. (2-tailed)		,229
	N	42	42
Total_EASAVC	Pearson Correlation	-,190	1
	Sig. (2-tailed)	,229	
	N	42	42

Correlação para as dimensões da EASAVC

		A_SES	A_S	A_IE	A_CR	A_CFP	F_F	F_TL	F_AP	F_C	F_REF	Total_ EASAVC
A_SES	Pearson Correlation	1	,811**	,853**	,866**	,820**	,693**	,513**	,695**	,896**	,771**	,938**
	Sig. (2-tailed)		,000	,000	,000	,000	,000	,001	,000	,000	,000	,000
	N	42	42	42	42	42	42	42	42	42	42	42
A_S	Pearson Correlation	,811**	1	,771**	,740**	,756**	,576**	,439**	,571**	,741**	,723**	,852**
	Sig. (2-tailed)	,000		,000	,000	,000	,000	,004	,000	,000	,000	,000
	N	42	42	42	42	42	42	42	42	42	42	42
A_IE	Pearson Correlation	,853**	,771**	1	,833**	,806**	,685**	,658**	,696**	,853**	,738**	,935**
	Sig. (2-tailed)	,000	,000		,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000
	N	42	42	42	42	42	42	42	42	42	42	42
A_CR	Pearson Correlation	,866**	,740**	,833**	1	,783**	,761**	,570**	,611**	,831**	,783**	,911**
	Sig. (2-tailed)	,000	,000	,000		,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000
	N	42	42	42	42	42	42	42	42	42	42	42
A_CFP	Pearson Correlation	,820**	,756**	,806**	,783**	1	,688**	,445**	,587**	,738**	,633**	,854**
	Sig. (2-tailed)	,000	,000	,000	,000		,000	,003	,000	,000	,000	,000
	N	42	42	42	42	42	42	42	42	42	42	42
F_F	Pearson Correlation	,693**	,576**	,685**	,761**	,688**	1	,366*	,623**	,731**	,684**	,795**
	Sig. (2-tailed)	,000	,000	,000	,000	,000		,017	,000	,000	,000	,000
	N	42	42	42	42	42	42	42	42	42	42	42
F_TL	Pearson Correlation	,513**	,439**	,658**	,570**	,445**	,366*	1	,435**	,658**	,633**	,649**
	Sig. (2-tailed)	,001	,004	,000	,000	,003	,017		,004	,000	,000	,000
	N	42	42	42	42	42	42	42	42	42	42	42
F_AP	Pearson Correlation	,695**	,571**	,696**	,611**	,587**	,623**	,435**	1	,756**	,658**	,761**
	Sig. (2-tailed)	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,004		,000	,000	,000
	N	42	42	42	42	42	42	42	42	42	42	42
F_C	Pearson Correlation	,896**	,741**	,853**	,831**	,738**	,731**	,658**	,756**	1	,833**	,943**
	Sig. (2-tailed)	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000		,000	,000
	N	42	42	42	42	42	42	42	42	42	42	42
F_REF	Pearson Correlation	,771**	,723**	,738**	,783**	,633**	,684**	,633**	,658**	,833**	1	,870**
	Sig. (2-tailed)	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000		,000
	N	42	42	42	42	42	42	42	42	42	42	42
Total_EASAVC	Pearson Correlation	,938**	,852**	,935**	,911**	,854**	,795**	,649**	,761**	,943**	,870**	1
	Sig. (2-tailed)	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	
	N	42	42	42	42	42	42	42	42	42	42	42

** . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

* . Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

Correlação para as dimensões da EPP

		PFPE	DI	P	M	CN	Total_EPP
PFPE	Pearson Correlation	1	-,171	-,338*	-,285	-,127	-,226
	Sig. (2-tailed)		,280	,028	,067	,423	,150
	N	42	42	42	42	42	42
DI	Pearson Correlation	-,171	1	,739**	,813**	,860**	,943**
	Sig. (2-tailed)	,280		,000	,000	,000	,000
	N	42	42	42	42	42	42
P	Pearson Correlation	-,338*	,739**	1	,774**	,785**	,869**
	Sig. (2-tailed)	,028	,000		,000	,000	,000
	N	42	42	42	42	42	42
M	Pearson Correlation	-,285	,813**	,774**	1	,842**	,912**
	Sig. (2-tailed)	,067	,000	,000		,000	,000
	N	42	42	42	42	42	42
CN	Pearson Correlation	-,127	,860**	,785**	,842**	1	,925**
	Sig. (2-tailed)	,423	,000	,000	,000		,000
	N	42	42	42	42	42	42
Total_EPP	Pearson Correlation	-,226	,943**	,869**	,912**	,925**	1
	Sig. (2-tailed)	,150	,000	,000	,000	,000	
	N	42	42	42	42	42	42

*. Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

**. Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

Correlação entre as dimensões da EASAVC e da EPP

		PFPE	DI	P	M	CN	A SES	A S	A IE	A CR	A CFP	F F	F TL	F AP	F C	F REF
PFPE	Pearson Correlation	1	-,171	-,338*	-,285	-,127	,794**	,656**	,850**	,812**	,700**	,726**	,804**	,707**	,926**	,861**
	Sig. (2-tailed)		,280	,028	,067	,423	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000
	N	42	42	42	42	42	42	42	42	42	42	42	42	42	42	42
DI	Pearson Correlation	-,171	1	,739**	,813**	,860**	-,034	-,049	-,101	-,084	-,151	-,157	-,101	-,174	-,054	-,288
	Sig. (2-tailed)	,280		,000	,000	,000	,831	,758	,523	,597	,341	,322	,524	,271	,733	,064
	N	42	42	42	42	42	42	42	42	42	42	42	42	42	42	42
P	Pearson Correlation	-,338*	,739**	1	,774**	,785**	-,108	-,171	-,273	-,116	-,176	-,211	-,266	-,231	-,201	-,386*
	Sig. (2-tailed)	,028	,000		,000	,000	,494	,280	,080	,464	,265	,179	,089	,140	,203	,012
	N	42	42	42	42	42	42	42	42	42	42	42	42	42	42	42
M	Pearson Correlation	-,285	,813**	,774**	1	,842**	-,141	-,159	-,217	-,137	-,377*	-,315*	-,137	-,172	-,176	-,355*
	Sig. (2-tailed)	,067	,000	,000		,000	,373	,313	,168	,388	,014	,042	,387	,277	,265	,021
	N	42	42	42	42	42	42	42	42	42	42	42	42	42	42	42
CN	Pearson Correlation	-,127	,860**	,785**	,842**	1	,021	-,015	-,126	,015	-,165	-,136	-,020	-,152	,019	-,216
	Sig. (2-tailed)	,423	,000	,000	,000		,893	,924	,426	,924	,297	,391	,902	,337	,906	,170
	N	42	42	42	42	42	42	42	42	42	42	42	42	42	42	42
A_SES	Pearson Correlation	,794**	-,034	-,108	-,141	,021	1	,811**	,853**	,866**	,820**	,693**	,513**	,695**	,896**	,771**
	Sig. (2-tailed)	,000	,831	,494	,373	,893		,000	,000	,000	,000	,000	,001	,000	,000	,000
	N	42	42	42	42	42	42	42	42	42	42	42	42	42	42	42
A_S	Pearson Correlation	,656**	-,049	-,171	-,159	-,015	,811**	1	,771**	,740**	,756**	,576**	,439**	,571**	,741**	,723**
	Sig. (2-tailed)	,000	,758	,280	,313	,924	,000		,000	,000	,000	,000	,004	,000	,000	,000
	N	42	42	42	42	42	42	42	42	42	42	42	42	42	42	42
A_IE	Pearson Correlation	,850**	-,101	-,273	-,217	-,126	,853**	,771**	1	,833**	,806**	,685**	,658**	,696**	,853**	,738**
	Sig. (2-tailed)	,000	,523	,080	,168	,426	,000	,000		,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000
	N	42	42	42	42	42	42	42	42	42	42	42	42	42	42	42
A_CR	Pearson Correlation	,812**	-,084	-,116	-,137	,015	,866**	,740**	,833**	1	,783**	,761**	,570**	,611**	,831**	,783**
	Sig. (2-tailed)	,000	,597	,464	,388	,924	,000	,000	,000		,000	,000	,000	,000	,000	,000
	N	42	42	42	42	42	42	42	42	42	42	42	42	42	42	42
A_CFP	Pearson Correlation	,700**	-,151	-,176	-,377*	-,165	,820**	,756**	,806**	,783**	1	,688**	,445**	,587**	,738**	,633**
	Sig. (2-tailed)	,000	,341	,265	,014	,297	,000	,000	,000	,000		,000	,003	,000	,000	,000
	N	42	42	42	42	42	42	42	42	42	42	42	42	42	42	42
F_F	Pearson Correlation	,726**	-,157	-,211	-,315*	-,136	,693**	,576**	,685**	,761**	,688**	1	,366*	,623**	,731**	,684**
	Sig. (2-tailed)	,000	,322	,179	,042	,391	,000	,000	,000	,000	,000		,017	,000	,000	,000
	N	42	42	42	42	42	42	42	42	42	42	42	42	42	42	42
F_TL	Pearson Correlation	,804**	-,101	-,266	-,137	-,020	,513**	,439**	,658**	,570**	,445**	,366*	1	,435**	,658**	,633**
	Sig. (2-tailed)	,000	,524	,089	,387	,902	,001	,004	,000	,000	,003	,017		,004	,000	,000
	N	42	42	42	42	42	42	42	42	42	42	42	42	42	42	42
F_AP	Pearson Correlation	,707**	-,174	-,231	-,172	-,152	,695**	,571**	,696**	,611**	,587**	,623**	,435**	1	,756**	,658**
	Sig. (2-tailed)	,000	,271	,140	,277	,337	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,004		,000	,000
	N	42	42	42	42	42	42	42	42	42	42	42	42	42	42	42
F_C	Pearson Correlation	,926**	-,054	-,201	-,176	,019	,896**	,741**	,853**	,831**	,738**	,731**	,658**	,756**	1	,833**
	Sig. (2-tailed)	,000	,733	,203	,265	,906	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000		,000
	N	42	42	42	42	42	42	42	42	42	42	42	42	42	42	42
F_REF	Pearson Correlation	,861**	-,288	-,386*	-,355*	-,216	,771**	,723**	,738**	,783**	,633**	,684**	,633**	,658**	,833**	1
	Sig. (2-tailed)	,000	,064	,012	,021	,170	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	
	N	42	42	42	42	42	42	42	42	42	42	42	42	42	42	42

*. Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

**. Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

